

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA – COGEAE/PUC-SP

FLÁVIA MUNIZ ROQUE

**A PULSÃO DE MORTE E A VALORIZAÇÃO DA VIDA**

SÃO PAULO

2021

FLÁVIA MUNIZ ROQUE

RA00136641

## **A PULSÃO DE MORTE E A VALORIZAÇÃO DA VIDA**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como parte das exigências para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Udler Cromberg

SÃO PAULO

2021

Ao Carlos, à Solange e ao Victor, com amor.

## RESUMO

A hipótese da pulsão de morte surge como uma especulação no texto *Além do princípio do prazer* (1920), causando uma reviravolta que gradativamente ganha importância e se torna cada vez mais relevante na teoria freudiana. Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) há esboços do que seria apresentado mais a frente como pulsão de morte. O conceito de pulsão é definido nos estudos freudianos sobre a sexualidade que culminam na primeira teoria pulsional dividindo as pulsões em dois grupos: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação do ego. Mas o estudo sobre o narcisismo e o fenômeno da compulsão à repetição observado na clínica conduzirá Freud a rever o primeiro dualismo pulsional, e o levará a agrupar num único grupo, denominado pulsão de vida as pulsões sexuais, as pulsões de autoconservação do ego e o narcisismo, que buscam conservar a vida, como antagonistas às pulsões de morte, que vão no sentido contrário, o de extinguir toda atividade. A pulsão de morte é responsável pela revisão de importantes conceitos como o sadismo, o masoquismo, ambivalência e a origem da agressividade. Essa reviravolta estava anunciada pelo próprio Freud e pela influência dos estudos de Spielrien e Adler. Freud compreende que a dinâmica pulsional se dá a partir da fusão e da defusão das pulsões, e esta noção foi determinante para a compreensão da estruturação e organização psíquica. O masoquismo erógeno é visto como consequência da atuação concomitante de Eros e a pulsão destrutiva. A origem da consciência de culpa, o Superego, resultante da resolução do complexo de Édipo e inaugurador da cultura, se dá em decorrência da defusão pulsional no processo de introjeção, no Ego, dos primeiros objetos de amor do Id. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud fala sobre a destrutividade como oriunda do ser humano, e de como o processo civilizatório implica na renúncia pulsional, sendo o grande inimigo da cultura a destrutividade. Diante deste levantamento teórico é possível entender, sob a ótica da segunda teoria pulsional que o trabalho voluntário de apoio emocional e prevenção do suicídio realizado pelo Centro de Valorização a Vida (CVV) se vale da vida pulsional do ser humano a partir da valorização da vida que aposta em Eros, através da escuta empática, do ambiente acolhedor, do respeito incondicional à subjetividade humana, facilitando o sujeito a criar oportunidades de investimento de Eros diante do efeito defusionado da pulsão de morte nas manifestações de fenômenos melancólicos comuns no discurso da pessoa que pensa em suicídio. Os estudos

freudianos sobre a pulsão e morte também nos possibilitam ampliar o que entendemos sobre o papel do CVV na esfera social. Ao lidar com a autodestrutividade do sujeito e ao se apresentar como uma alternativa para a sociedade, de acolhimento do sujeito em desamparo, que, diante da sua dor psíquica, pensa em suicídio, num mundo hostil e violento, o serviço do CVV contribui pela mediação da ação de Tânatos oferecendo mais uma alternativa de contorno da destrutividade que coloca em xeque o processo civilizatório.

**Palavras-chave:** Freud; pulsão; pulsão de morte; teoria pulsional; destrutividade; suicídio.

## ABSTRACT

The death drive hypothesis appears as a speculation in the text *Beyond the Pleasure Principle* (1920) causing a turnaround that gradually gains importance and becomes increasingly relevant in Freudian theory. Since the *Project for a scientific psychology* (1895) there are sketches of what would be presented later as the death drive. The concept of drive is defined in Freudian studies on sexuality that culminate in the first drive theory, dividing drives into two groups: sexual drives and ego self-preservation drives. However, the study of narcissism and the phenomenon of repetition compulsion observed in the clinic will lead Freud to review the first drive dualism and will lead him to include in a single group called the life drive the sexual drives, the ego's self-preservation drives and narcissism, which seek to preserve life as antagonists to the death drives that go in the opposite direction, that of extinguishing all activity. The death drive is responsible for reviewing important concepts such as sadism, masochism, ambivalence and the origin of aggressiveness. This turnaround was announced by Freud himself and by the influence of the studies of Spielrien and Adler. Freud understands that the drive dynamics takes place from the fusion and defusion of drives and this notion was decisive for the understanding of the psychic structure and organization. Erogenous masochism is seen as a consequence of the concomitant action of Eros and the destructive drive. The origin of the sense of guilt, the Superego, resulting from the resolution of the Oedipus complex and inaugurator of culture, occurs as a result of the drive's defusion in the process of introjection, in the Ego, of the first objects of love of the Id. In *Civilization and its discontents* (1930), Freud talks about destructiveness as inherent to the human being and as the civilizing process implies instinctual renunciation, the great enemy of culture is destructiveness. In view of this theoretical survey, it is possible to understand, from the perspective of the second drive theory, that the voluntary work of emotional support and suicide prevention at the Centro de Valorização da Vida (CVV), makes use of the instinctual life that validates the human life which bets on Eros, through empathic listening, the welcoming environment, unconditional respect for human subjectivity, facilitating the subject to create investment opportunities for Eros in the face of the defused effect of the death drive manifested commonly in the melancholic phenomenon present in the speech of the person who thinks in suicide. Freudian studies on death drive also allow us to broaden our understanding of the role of CVV in the social setting. By dealing with the

self-destructiveness of the subject and by presenting itself as an alternative to society, as refuge of the helplessness of people in psychic pain that thinks about suicide, in a hostile and violent world, the CVV service contributes to mediating the action of Thanatos offering one more alternative to contour the destructiveness that puts the civilizing process in check.

**Keywords:** Freud; drive; death drive; drive theory; destructiveness; suicide.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. DO PROJETO AO “ALÉM” – A construção do conceito de pulsão de morte na teoria freudiana .....	11
1.1 Esboço de um conceito .....	11
1.2 O conceito de pulsão .....	13
1.3 A primeira teoria pulsional .....	17
1.4 A segunda teoria pulsional .....	21
2. O IMPACTO DA “VIRADA” – As reviravoltas na teoria freudiana após a introdução do conceito de pulsão de morte .....	31
2.1 A reviravolta anunciada .....	31
2.2 A fusão e des fusão pulsional .....	32
2.3 Sob o signo e Tântatos .....	36
3. A VALORIZAÇÃO DA VIDA DIANTE DA MORTE – O trabalho de apoio emocional sob a ótica do dualismo pulsional .....	39
3.1 A Valorização da Vida .....	40
3.2 A pessoa que procura o CVV .....	44
3.3 A vida contornando a morte .....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54

## INTRODUÇÃO

“O objetivo de toda a vida é a morte” (p. 202) é a impactante frase escrita por Freud no centenário *Além do Princípio do Prazer* (1920), texto especulativo e ousado da sua obra no qual a noção de pulsão de morte é apresentada como oposta às pulsões de vida, que incluem as pulsões sexuais, pulsões de autoconservação e o narcisismo, até então protagonistas nos estudos freudianos. Deste radical conceito origina-se a segunda teoria pulsional, que procurava dar conta de alguns fenômenos clínicos, sendo o mais intrigante a compulsão à repetição. Freud constata um esforço do próprio ser vivo de retorno ao inorgânico, e conclui que a vida seria, na verdade, resultante do adiamento da morte através da regulação das pulsões de vida.

Segundo o próprio autor, “na curiosidade de saber aonde leva” (1920 p. 184) essa hipótese, sustentada pela convicção da dualidade pulsional como cerne dos conflitos psíquicos observados na clínica das psiconeuroses, a pulsão de morte junto a Eros ganhou paulatinamente relevância na teoria, a ponto de promover a atualização de importantes fenômenos psíquicos como o sadismo, masoquismo e a agressividade, além de servir de base para a compreensão da origem da consciência de culpa e trilhar caminhos para avanços do pensamento psicanalítico sobre a violência, a destrutividade e o mal-estar na cultura.

Ao me deparar com a pulsão de morte e a teoria pulsional nos textos freudianos, inevitavelmente me vi compelida a investigar a construção teórica de tais conceitos. Este interesse, por sua vez, não se deu por acaso; nos últimos anos, tive a oportunidade de ser voluntária do programa de apoio emocional e prevenção do suicídio do Centro de Valorização da Vida – CVV,<sup>1</sup> e não pude deixar de notar a correlação do dualismo pulsional com a essência da proposta do CVV, que se sustenta na valorização da vida como alternativa ao desamparo do sujeito em sofrimento que deseja aniquilar a si próprio.

Buscando ampliar a compreensão do propósito do serviço oferecido pelo CVV como recurso preventivo ao comportamento suicida, pretende-se nesta pesquisa, primeiramente, percorrer a elaboração do conceito de pulsão de morte ao longo da obra freudiana, desde a formulação da pulsão, abordando o desenvolvimento das duas teorias pulsionais e os elementos que colaboraram nessa trajetória, até sua

---

<sup>1</sup> Trabalho humanitário voluntário e gratuito, de alcance nacional, oferecido a todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone, e-mail e chat, 24 horas por dia.

primeira menção em 1920. Propõe-se também elucidar brevemente o que significou a introdução deste conceito no entendimento do funcionamento psíquico, na teoria freudiana e na revisão de importantes fenômenos psíquicos como o sadismo, o masoquismo e a origem da agressividade.

A partir desse estudo, traçarei possíveis paralelos com o trabalho social do CVV. Seria a proposta de Valorização da Vida do CVV uma forma de mediar a pulsão de morte, expressa através da compulsão à repetição, da ambivalência, dos pensamentos autopunitivos, do ódio voltado a si ou voltado para outros, da culpa, da vergonha e dos desejos de vingança, presentes nos conteúdos dos atendimentos de apoio emocional? E como a teoria das pulsões, sobretudo a noção da pulsão de morte na obra freudiana, poderia contribuir para a compreensão da importância de trabalhos sociais de apoio emocional, como o realizado pelo CVV?

## 1. DO PROJETO AO “ALÉM”: A construção do conceito de pulsão de morte na teoria freudiana

No percurso teórico que leva à proposição do conceito de pulsão de morte, há diversas passagens nas quais Freud expressa suas inquietações diante de fenômenos observados na clínica, para os quais não encontra respostas satisfatórias. Tais fenômenos foram molas propulsoras que movimentaram o pensamento psicanalítico e, ao longo do percurso, produziram indagações que culminaram na introdução da noção de pulsão de morte. Proponho que retomemos essa trajetória na teoria freudiana, iniciando com o conceito de pulsão, a fim de compreender os elementos relevantes que embasaram a construção do fator provocador da “virada dos anos 20”, para, mais adiante, correlacionarmos com o que observamos no trabalho voluntariado de apoio emocional.

### 1.1 Esboço de um conceito

Delineamentos do que seria o conceito de pulsão aparecem desde o início da obra freudiana, mas com outras denominações: “excitações”, “ideias afetivas”, “impulsos anelantes”, “estímulos endógenos”, conforme assinala o editor inglês Strachey (1996), na apresentação do texto *Os instintos e seus destinos* (1915),<sup>2</sup> com o avanço dos estudos, este conceito vai sendo lapidado e ganhando forma.

Na parte I do *Projeto para a psicologia científica* (1895 [1950]), Freud propõe explicar o dinamismo da atividade neuronal a partir da identificação de uma tendência ao controle da quantidade de estímulo denominada por ele de Q, sendo Q responsável por mobilizar o funcionamento do sistema nervoso. Este controle se daria pela descarga de Q, obedecendo o princípio de “inércia neuronal”, descrito como veremos na citação a seguir, como a tendência dos neurônios de se livrarem de Q.

(...) pôde-se estabelecer um princípio básico da atividade neuronal em relação a Q, que prometia ser extremamente elucidativo, visto que parecia abranger toda a função. Esse é o princípio de inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q. (p. 348).

---

<sup>2</sup> Na Edição *Standard* Brasileira, o título do texto está traduzido como *Instintos e suas vicissitudes*. Para evitar confusão entre títulos por diferentes traduções, optei em usar um único título, o da tradução da Companhia das Letras.

Tal princípio estaria sob uma função primária do sistema nervoso e teria que ser abandonado pelo organismo devido à demanda de estímulos endógenos provenientes do somático. Assim como os estímulos externos, os endógenos também teriam que ser descarregados, mas não poderiam ser evitados ou esquivados, por estarem vinculados às necessidades vitais. Conseqüentemente, o organismo se contentaria em tolerar uma constante carga de Q, permitindo a instauração de uma função secundária.

Vemos neste texto sinais despreziosos do que posteriormente será fundamental para a elaboração do conceito da pulsão de morte. Têm-se as primeiras menções do que servirá como base para a definição de pulsão (*Trieb*), como “o impulso que sustenta toda a vida psíquica” (1985, p. 369), que será mais trabalhada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e no *Os instintos e seus destinos* (1915).

A ideia de que o organismo tem que se ver com estímulos endógenos de fluxo contínuo, do próprio elemento somático do sistema nervoso, para os quais não há meios de fuga, que exigem um empenho de manter níveis reduzidos ou ao menos evitar o aumento destes níveis afim de controlar sua intensidade e atingir uma constância, sairá do campo neurológico e contribuirá na formulação da teoria das pulsões.

O princípio da inércia e a noção da constância<sup>3</sup> trabalhados no *Projeto para uma psicologia científica* (1895 [1950]) serão referências para a teoria do funcionamento psíquico apresentada mais tarde na teoria freudiana. Freud se servirá do entendimento deste mecanismo que tende à dominação dos estímulos, e se servirá deste ponto de vista dualista, onde Q dinamicamente se aproxima da noção de pulsão de vida e a tendência de “se livrar de Q” se assemelha ao que será atribuído à pulsão de morte.

Devo destacar a relevância desse *Projeto...* rascunhado em 1895, que, segundo o resumo histórico na introdução do texto feita por Strachey (1996), foi escrito a lápis, no trem no retorno de uma visita de Freud a Fliess em Berlim, como consta na carta 28 do dia 23 de setembro de 1895 endereçada a Fliess. Freud registra o “impulso

---

<sup>3</sup>Segundo Bissoli (2005), quando Freud fala de constância, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), está se referindo à noção implícita no conceito da inércia que nos neurônios se mantém a nível zero. “Trata-se apenas de uma modificação no princípio da inércia.” (p.5)

poderoso” que o então amigo o deu para levar o assunto tratado por eles a sério. Curioso como elementos de extrema importância para construção teoria freudiana tiveram tão cedo algum espaço de elaboração.

## 1.2 O conceito de pulsão

Motivado pelo seu interesse em investigar a sexualidade, Freud apresenta nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) a noção de pulsão. O autor neste texto discorda da opinião popular sobre a natureza e as características do que seria a pulsão sexual, e a demonstra como a representação de fontes somáticas no psíquico, cuja meta é ser satisfeita e cujo objeto de satisfação é aquele que se estabeleceu para cada um como sendo satisfatório. A sexualidade passa a ser muito mais abrangente do que se pensava até então, e conquista protagonismo na teoria psicanalítica.

Sob um novo olhar acerca da sexualidade, Freud compreende que, dos órgãos somáticos ou zonas erógenas, emergem excitações de caráter sexual, compostas de pulsões parciais, como vemos no trecho da primeira edição dos *Três ensaios...* (1905), antes de ser redigido em 1915 em decorrência de acréscimos teóricos:

Ao lado de um “instinto”<sup>4</sup> não sexual em si, oriundo de fontes impulso motoras, podemos diferenciar neles [nos instintos parciais] uma contribuição de um órgão que recebe estímulos (pele, mucosa, órgãos dos sentidos). Esse deve ser aqui designado como *zona erógena*, como o órgão cuja excitação dá ao instinto o caráter sexual. (p. 66 – nota de rodapé)

Para Garcia-Roza (1984), este primeiro emprego da noção de fonte da pulsão apresenta uma ambiguidade, pois estariam sob o mesmo guarda-chuva fontes internas e fontes externas “indiretas”.

Como ficou sinalizado acima, na terceira edição dos *Três ensaios...* (1905) Freud redige esse exato trecho, claramente já influenciado pelos estudos mais aprofundados sobre as pulsões que seriam inclusive publicados no mesmo ano:

Por “instinto” [*Trieb*] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endosomática de estímulos que não para de fluir, a diferença do “estímulo”, que

---

<sup>4</sup> Nas *Obras Completas de Sigmund Freud*, editadas pela Companhia das Letras, o termo *Trieb* é traduzido como instinto.

é produzido por excitações isoladas oriundas de fora. Assim, “instinto” é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico. A mais simples e imediata suposição sobre a natureza dos instintos seria que eles não possuem qualidades nenhuma em si, devendo ser considerados apenas como medida da exigência de trabalho feita à psique. O que diferencia os instintos uns dos outros e os dota de atributos específicos é a relação com as suas *fontes* somáticas e suas *metas*. A fonte do instinto é um processo excitatório num órgão, e sua meta imediata consiste na remoção deste estímulo no órgão. (p. 66, trecho acrescentado em 1915).

Nessa atualização, o estímulo é entendido como produzido fora, e a fonte da pulsão como originária de dentro do organismo. A pulsão seria a representante psíquica dessa exigência por trabalho, por ação feita ao psiquismo proveniente do processo excitatório num órgão. É a energia mobilizadora do aparelho psíquico, constituindo um conceito fronteiro entre o anímico e o físico. Era de se esperar que a definição publicada por Freud sobre a pulsão em *Os instintos e seus destinos* (1915) seguiria esta mesma linha:

(...) o “instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo. (p. 57).

Abro aqui um parêntese sobre como a pulsão é elucidada acima. De acordo com Garcia-Roza (1984), é necessário distinguirmos a pulsão daquilo que a representa. Sobre a definição freudiana citada, ele diz:

Essas duas definições apresentadas por Freud num mesmo parágrafo trazem o inconveniente de confundir a pulsão enquanto representante dos estímulos internos, com os representantes psíquicos da pulsão. (p. 116).

Como escrito na nota de Strachey (1996) sobre o texto *Os Instintos e seus destinos* (1915), Freud ainda não diferenciava pulsão e o seu representante psíquico; ao contrário, a considerava como representante psíquico de forças somáticas. No entanto, adiante, em outros artigos como em *O inconsciente* (1915), Freud escreve que “uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência – só a ideia (*Vorstellung*) que a representa”; e continua: “mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser

representada de outra forma a não ser por uma ideia” (p. 203). Portanto, nos textos freudianos posteriores, a pulsão deixa de ser vista como a representante psíquica de forças somáticas e passa a ser vista como a energia que é representada na consciência e no inconsciente pelos seus representantes psíquicos.

Ponto essa diferença neste capítulo por se tratar de uma distinção relevante para alguns teóricos, que irão explicar a pulsão de morte como uma pulsão sem representantes ideativos. Apesar da proposta desta pesquisa ser focar na concepção freudiana e não aprofundar em conceitos pós-freudianos da pulsão de morte, deixo o registro deste apontamento pela sua importância, e também como um incentivo para a continuação dos estudos acerca deste tema. “Portanto, uma coisa é a pulsão, outra coisa é o representante psíquico da pulsão, e outra coisa é a pulsão enquanto representante de algo físico” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 116)

Retomando os conceitos apresentados por Freud em *Os instintos e seus destinos* (1915), é notável a influência do raciocínio desenvolvido no *Projeto...* (1895 [1950]) sobre o funcionamento do aparelho neuronal. Ele resgata os diferentes mecanismos de ação dos estímulos exógenos e endógenos, enfatizando que, ao contrário dos estímulos exógenos, os estímulos pulsionais endógenos requerem outras ações para ser eliminados, justamente por não poderem se servir de nenhuma fuga. Por conter uma pressão constante e não momentânea de impacto, o esquema arco-reflexo não dá conta da demanda; é em consequência desta necessidade específica que as complexas atividades psíquicas se desenvolvem. Como Freud (1915) descreve: “(...) os instintos, e não os estímulos externos, são os autênticos motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, tão infinitamente capaz, ao seu grau de desenvolvimento presente” (p. 56).

A tarefa de dominação dos estímulos, atribuída anteriormente ao sistema nervoso, é estendida ao aparelho psíquico, e Freud prossegue com a articulação da sujeição do psiquismo ao princípio do prazer. Ainda no artigo *Os instintos e seus destinos* (1915), ele explicita:

(...) mesmo a atividade dos mais evoluídos aparelhos psíquicos está sujeita ao *princípio do prazer*, ou seja, é automaticamente regulada por sensações da série prazer-desprazer, dificilmente podemos rejeitar o pressuposto seguinte, de que tais sensações reproduzem a maneira como se realiza a sujeição dos estímulos. Seguramente no sentido de que a sensação de desprazer está

ligada ao aumento, e a sensação de prazer ao decréscimo do estímulo. (p. 56).

Ou seja, o funcionamento psíquico se daria pelo acúmulo ou decréscimo de energia atrelada, respectivamente, à sensação de desprazer ou prazer. Todo caráter econômico discutido na teoria freudiana partirá deste jogo de energia. Freud (1915) prossegue discutindo a pulsão quanto ao impulso, meta, objeto e fonte, para depois sugerir a diferenciação das pulsões em dois grupos, configurando a primeira teoria pulsional. Mas antes de entrarmos na primeira teoria das pulsões, destacarei alguns momentos na obra freudiana que merecem atenção por anunciarem o que estaria por vir na construção da teoria das pulsões.

No final do segundo item na discussão do caso clínico do pequeno Hans, no texto *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), Freud avalia a ideia apresentada por Adler sobre uma possível “pulsão agressiva”. Handlbauer, no livro *A controvérsia Freud-Adler* (1998), aborda o conteúdo do ensaio de Adler, intitulado *O instinto agressivo na vida e na neurose* (1908),<sup>5</sup> que logo no início retrata a existência de duas pulsões distintas que depois se fundem no sadismo e no masoquismo: a pulsão sexual e a pulsão agressiva (ADLER, 1908 apud HANDLBAUER, 1998 p. 66).

Freud discorda do que Adler entende como pulsão agressiva. Ele argumenta: “Sou, contudo, incapaz de concordar com ele (...). Não posso convencer-me a aceitar a existência de um instinto agressivo especial ao lado dos instintos familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destes” (1909, p. 125). Em seguida, continua sua argumentação alegando que, mesmo incerto sobre a sua teoria pulsional, arriscaria concluir que toda pulsão poderia se tornar agressiva. A notável resistência de Freud à posição de Adler se apoia no seu entendimento de que essa pulsão agressiva seria, de fato, a libido. (MINUTAS, 1962 apud HANDLBAUER, 1998 p. 69). Portanto, não faria sentido reconhecê-la como outra pulsão.

Adiante, no desenvolvimento da sua teoria, Freud irá se deparar novamente com a noção de uma agressividade inerente ao ser humano e se reposicionará sobre o tema, como tratarei no próximo capítulo. Por ora, notemos que em 1909 Freud já anuncia as pulsões do ego separadas das sexuais, se aproximando da dualidade pulsional da primeira teoria das pulsões.

---

<sup>5</sup> Segundo Handlbauer (1998), esse documento inicialmente se intitulava *Sadismo na vida e neurose*, e no mesmo ano apareceu com o título descrito no texto.

Um ano depois, em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, as pulsões de autoconservação do ego são pela primeira vez assim denominadas, e estão em contraposição às pulsões sexuais:

(...) pela inegável oposição entre instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual e os demais instintos que tem por objetivo a autopreservação do ego – os instintos do ego. (p. 223).

É no caso *Schreber*, em 1911, que é apresentada a definição de pulsão inserida na primeira tópica e na primeira teoria pulsional, como uma representante psíquica de poderes orgânicos submetida às exigências de conservação do Ego e da sexualidade:

Percebemos o instinto como o conceito-limite entre o somático e o psíquico, nele vemos o representante psíquico de poderes orgânicos, e aceitamos a distinção popular entre instintos do Eu e instinto sexual, que nos parece condizer com a dupla posição biológica do ser individual, que aspira tanto à sua própria conservação como à da espécie. Mas tudo o mais são construções, que erguemos e que de bom grado abandonamos, a fim de nos orientarmos no emaranhado de obscuros processos psíquicos, e das investigações psicanalíticas de processos psíquicos patológicos esperamos justamente que nos obriguem a certas decisões nas questões da teoria dos instintos. (p. 64).

Convém traçar essa trajetória da construção para ilustrar como Freud agrega elementos ao longo da evolução dos estudos psicanalíticos, tomando caminhos que para ele pareciam mais seguros de acordo com as evidências clínicas na análise das psiconeuroses, porém sem deixar de manifestar que o foi construído seria mantido pelo tempo que lhe servisse.

### **1.3 A primeira teoria pulsional**

A hipótese da primeira teoria pulsional advém da divisão das pulsões em dois grupos: pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou do ego.<sup>6</sup> A possibilidade de diferenciação entre elas se baseia nos seus diferentes princípios de

---

<sup>6</sup> Garcia-Roza (1984) esclarece quando se fala em pulsões do ego, se refere ao caráter funcional da pulsão e não de onde ela se origina, ou seja, as pulsões do ego servem ao ego e não emanam do ego. (p.125)

funcionamento: as pulsões de autoconservação são regidas pelo princípio de realidade, justamente pela natureza da sua satisfação ter um objeto real, e por estarem vinculadas às necessidades vitais de um órgão. Em contrapartida, as pulsões sexuais encontram-se sob influência do princípio do prazer e anseiam satisfação de desejos sexuais inconscientes, “podendo ‘satisfazer-se’ com objetos fantasmáticos” (p. 124) como Garcia-Roza (1984) esclarece.

A sugestão dessa distinção, segundo o próprio Freud (1915) “não tem a significação de um pressuposto necessário (...); não passa de uma construção auxiliar” (p. 61), precisamente por se sustentar na trajetória investigativa psicanalítica das neuroses de transferência, que revelaram ter no cerne dessas afecções um conflito entre as demandas do Ego e as demandas sexuais. Ele continua abrindo a possibilidade de que essa teoria mude com os estudos das psiconeuroses narcísicas, mas deixando novamente clara a sua convicção de que, por enquanto, essa classificação serviria.

Em *Os instintos e seus destinos* (1915), antes de descrever os possíveis destinos das pulsões, Freud esclarece que a investigação destes destinos no decorrer do processo psicanalítico fica restrita às pulsões sexuais, por serem as únicas viáveis de coleta de informações razoavelmente satisfatórias, afinal podem ser observadas como se fossem isoladas nas psiconeuroses.

Freud (1915) caracteriza as pulsões sexuais como numerosas, independentes e oriundas de diversas fontes somáticas, que posteriormente confluem numa síntese mais ou menos completa. A meta é o prazer daquele órgão da qual se originam, e se apoiam inicialmente nas pulsões de autoconservação, as quais vão se desligando paulatinamente e são induzidas a seguir inicialmente a escolha de objeto das pulsões de autoconservação. Ainda que se desliguem, uma parte da pulsão sexual se mantém permanentemente ligada às pulsões de autoconservação, conferindo-lhes componentes libidinais. As pulsões também são capazes de sublimação devido à capacidade de mudança de objeto que, como efeito, resulta numa função distante da sua intenção original.

Para Garcia-Roza (1984), as pulsões de autoconservação possuem primordialmente um caráter muito mais instintivo do que pulsional, e a concepção do apoio da pulsão sexual na autoconservação seria na verdade a vinculação entre a

pulsão e o instinto.<sup>7</sup> Só que o próprio Freud (1915) usa a fome como exemplo de pulsão de autoconservação para exemplificar o mecanismo desse conceito. A fome, que chamaremos de pulsão alimentar, seria de autoconservação, e teria como meta a ingestão de alimento para suprir a necessidade orgânica. Essa, por sua vez, serviria de apoio à pulsão oral, de caráter sexual, cuja meta é o prazer da zona erógena oral. Assim, partes libidinais da pulsão oral ficariam sempre ligadas à pulsão alimentar. A capacidade da pulsão sexual de atribuir à pulsão de autoconservação componentes libidinais será um dos motivos que levará Freud (1915) a repensar o dualismo pulsional da primeira teoria.

Sobre os possíveis destinos que a pulsão pode tomar, tratados no texto *Os Instintos e seus destinos* (1915), Freud especifica quatro: a reversão ao contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação. Estes são apresentados como modalidades de defesa. Se a meta é sempre satisfazer-se, e se as exigências da censura se opõem a isso, o psiquismo tem de lidar com a pressão e destinar a pulsão. Garcia-Roza (1984) comenta que Freud está falando sobre os destinos dos representantes psíquicos da pulsão e não dos destinos da pulsão em si, já que a rigor a pulsão não pode ser destruída nem inibida. De qualquer forma, mantereí o termo pulsão para falar brevemente sobre os destinos e apontar o que nos é fundamental.

No desdobramento da descrição dos destinos, Freud (1915) usa os pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo para exemplificar a reversão ao contrário, vista na conversão da atividade em passividade, e a volta contra a própria pessoa, correspondente à mudança de objeto sem mudar a meta. Em ambos os exemplos de destino, a transformação instintual não se dá por completo; há suposta alternância e concomitância dos opostos, chamada pelo autor de ambivalência.

Freud (1915) é impelido a acreditar num sadismo originário que se transforma em masiquismo ao retornar para o próprio Ego do indivíduo. Ele afirma no texto que “Não parece ocorrer um masiquismo original, que não surja a partir do sadismo” (p. 66). Entretanto, nove anos depois, em *O problema econômico do masiquismo* (1924), Freud vai dizer exatamente o contrário, devido à adição teórica da segunda teoria das pulsões e à concepção do conceito de pulsão de morte. Em todo caso, o autor traz o

---

<sup>7</sup> Garcia-Roza compreende que a pulsão sexual se apoia na satisfação da necessidade instintiva e seria, portanto, a desnaturalização do instinto, o desvio das suas fontes e objetos (p.120).

sadismo e o masoquismo para uma dimensão além do relatado nos estudos das perversões, adquirindo status de exemplo da atuação das pulsões, que será mantido na segunda teoria pulsional.

O primeiro destino citado acima, a reversão ao contrário, serve também como exemplo para a inversão de conteúdo, cuja referência usada é a transformação do amor em ódio (ambos ativos). Freud (1915) admitirá pares de três opostos: amar – odiar, amar – ser amado e amar/odiar – indiferença. Consta-se que, no período do narcisismo primário,<sup>8</sup> no início do desenvolvimento da vida psíquica, o objeto de investimento das pulsões é o próprio Ego, que se satisfaz de forma autoerótica e é indiferente ao mundo externo. Trata-se da oposição: amar – indiferente, já que o Ego supre em si mesmo sua necessidade de prazer. No entanto, esta forma de satisfação não se estende às pulsões de autoconservação, por estas demandarem um objeto externo. Logo, pela imposição do princípio do prazer, o Ego se vê compelido a introjetar objetos do mundo externo, afim de obter prazer, e, em contrapartida, projeta no mundo externo o que considera em si agente de desprazer. Teríamos então, outra oposição: amar – odiar. O par amar – ser amado seria o amor a si mesmo como visto no narcisismo.

Freud (1915) correlaciona como descrito acima duas polaridades: sujeito (Ego) com o prazer e o mundo externo (objeto) com o desprazer, antes indiferente. Esta antítese leva Freud em direção às origens distintas do amor e do ódio. Na dimensão da primeira teoria pulsional, o ódio seria mais antigo que o amor, oriundo da primordial rejeição do mundo externo que dispensa estímulos, pelo Ego do narcisismo primário. “Pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sua conservação e afirmação” (p. 78), ou seja, o caráter agressivo seria uma manifestação das pulsões de autoconservação em busca da preservação.

As polaridades psíquicas sujeito (Ego) – mundo externo (objeto), prazer – desprazer e passivo – ativo para Freud (1915) regem o psiquismo e são responsáveis pelos destinos das pulsões. A articulação entre essas antíteses e o seu caráter dual seria a base do conflito psíquico observado na clínica das neuroses, conflito que se faz presente em toda trajetória da teoria freudiana.

---

<sup>8</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (1967) “o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma” (p. 290).

#### 1.4 A segunda teoria pulsional

O surgimento da segunda teoria pulsional parece acontecer, assim como o da primeira, por uma necessidade teórica diante de certos fenômenos observados na clínica e pelas adições conceituais no desenvolvimento dos estudos psicanalíticos. Não devemos esquecer também o contexto social pós Primeira Guerra Mundial. Jones (1961) relata que os anos que se sucederam a Grande Guerra foram “extremamente difíceis” (p. 575); além das muitas mortes, a fome, o frio e a miséria deixavam a vida em Viena apenas tolerável. Freud continuava a produzir e trabalhar como podia, no meio desta atmosfera mórbida, mas tendo de ver colegas serem convocados a servir nos agrupamentos militares e lidando com o tormento de ver três filhos alistados convocados para o campo de batalha. Em 1920, sofreu a perda de sua filha Sophie, acometida pela gripe espanhola. A obra freudiana sem sombra de dúvidas foi impactada pela guerra, pelas perdas e pela morte. É neste cenário que se dá a produção do texto publicado em 1920, intitulado *Além do princípio do prazer*.

A introdução do conceito de pulsão de morte no texto de 1920 reconfigura a dualidade pulsional defendida por Freud e provoca uma reviravolta em sua teoria. Este conceito é apresentado com prudência, como uma especulação a qual o leitor poderia escolher rejeitar. A linha que o autor segue é tão livre e ousada que este acaba sendo o texto em que Freud está “mais perto de realizar seu sonho de fazer filosofia” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 132), colocando no centro sua elucubração sobre a vida e a morte.

Só pelo título do texto, é possível deduzir a indagação que conduziu Freud a produzi-lo. Vale destacar que além da psicanálise, não havia outra ciência que dava tanta importância às sensações de prazer e desprazer no aparato psíquico do ser humano e, conseqüentemente, ao princípio do prazer. O trabalho psíquico de conservar mais baixa possível, ou ao menos constante, a quantidade de excitação (posto que quando há um aumento, este é percebido como desprazer, e quando diminui, a excitação é sentida como prazer), segundo Freud (1920), se aproxima do

princípio fechneriano<sup>9</sup> da “tendência à estabilidade” e o princípio do prazer derivaria do princípio da constância.<sup>10</sup>

O curioso é que ao fazer esta associação, Freud estaria, na verdade, nos aproximando do conceito de pulsão de morte e não do princípio do prazer. Figueiredo comenta sobre essa passagem no livro *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (1999) e explica que quando Freud fala no princípio de constância estaria, sem perceber, nos levando para além do princípio do prazer, posto que, ao alcançar essa estabilização ou a redução a zero, não haveria nem prazer nem desprazer: haveria estabilidade plena, ou satisfação plena, ou a morte em questão.

A hipótese da regulação das atividades psíquicas pelo princípio do prazer se mostrava satisfatória até então, porém havia certas lacunas indicando a não dominância deste princípio. Freud diz logo no início do *Além do princípio do prazer* (1920): “Não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos” (p. 164). E continua:

O que pode suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer. (p. 165).

O entendimento da existência de forças e condições opositoras que causam desprazer é fundamental para a noção de que haveria algo além do princípio. Por essa razão que Figueiredo (1999) destaca a temporalidade envolvida nessa constatação: para haver prazer, descarga de energia, deve ter tido desprazer, isso é o acúmulo desta energia, evidenciando a existência de algo anterior, produtor de desprazer que deveria sempre ser considerado no psiquismo. Freud (1920) afirma que, se o princípio do prazer realmente dominasse o psiquismo, não haveria sentido em ter processos psíquicos que promovam somente desprazer ao invés de conduzir ao prazer. Está posta a questão do que teria além e quais seriam estas forças e condições.

---

<sup>9</sup> Freud em *Além do princípio do prazer* (1920) referencia o breve escrito de Fechner intitulado *Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos* (1873).

<sup>10</sup> Aqui Freud se refere a noção de constância apresentada por ele no *Projeto para uma psicologia científica* (1895); porém, segundo Bissoli (2005), quando Freud associa o princípio do prazer à noção de constância estaria associando o princípio do prazer ao princípio de inércia “modificado”. E essa associação não seria adequada, já que há uma diferença entre aumentar/diminuir e manter constante. Por isso, seriam noções distintas.

Ainda no campo da primeira teoria pulsional, uma dessas forças opositoras para Freud (1920) seria a capacidade das pulsões de autopreservação do ego de contornar o princípio do prazer e atuar no princípio da realidade, fazendo um caminho mais longo, tolerando uma cota de desprazer para alcançar um prazer adiado e indireto. O princípio da realidade inclui, portanto, desvios, renúncias, adiamentos e substituições, sem a exclusão da gratificação. Ora, se ainda há gratificação, mesmo que modificada, isso o tornaria, na verdade, uma “mera modificação do princípio do prazer” (FIGUEIREDO, 1999, p. 59). Por mais que contornado momentaneamente, este exemplo acaba por salienta a força do princípio do prazer, e não o contrário.

Não poderia ser considerada uma oposição entre os princípios, mas sim uma derivação. Do ponto de vista econômico, o princípio do prazer corresponde ao processo primário do *modus operandi* do aparelho psíquico, qual a energia escoar livremente para descarga, tendendo a alucinação satisfatória. O princípio da realidade entraria como uma defesa à frustração, limitando o estado alucinatório ou o impedindo, equivalendo ao processo secundário do funcionamento psíquico, que adia ou impossibilita o escoamento de energia por estar “ligada”, e não livre. Assim ratificou Freud no artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), que não deixa de ser similar ao ponto de vista do *Projeto...* (1895 [1950]).

Outra menção de forças opositoras no texto *Além do princípio do prazer* (1920), na perspectiva da primeira tópica, seria quando as pulsões sexuais não se ajustam ao princípio de realidade e a repressão se instaura, transformando uma possibilidade de prazer em fonte de desprazer, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal, como visto na neurose.

Apesar de questionarem a primazia do princípio do prazer, os fatores até agora trazidos não são suficientes para justificar a formulação do conceito da pulsão de morte na teoria. O que realmente levará Freud a pensar numa nova teoria pulsional será a descoberta da libido narcísica investida no Ego, o fenômeno da compulsão à repetição observado na clínica, o caráter conservador das pulsões e sua declarada intenção de manter o dualismo pulsional na raiz do conflito psíquico.

Pode-se dizer que a introdução do conceito de narcisismo atravessa a primeira teoria pulsional e atenua a linha divisória da primeira classificação proposta por Freud. Ele mesmo adiantou, como citado anteriormente, que nos estudos investigativos sobre a esquizofrenia a oposição entre pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação do ego poderia ter de ser repensada. Freud reconhece no texto

*Introdução ao narcisismo* (1914), através da distinção da libido objetal e da libido do ego, o movimento oscilatório da libido capaz de ser retirada dos objetos e de ser investida no próprio Ego, tomando-o como objeto de amor.

À primeira vista, ambas seriam manifestações das pulsões sexuais e continuariam em contraposição às pulsões de autoconservação. Entretanto, a revelação da libido narcísica indica a atuação das pulsões sexuais no Ego, e a constatação da presença de componentes libidinais nas pulsões de autoconservação sugerem que a borda dessa diferenciação não é nítida. Pois bem, se essa distinção é apagada e estas pulsões se mostram como modalidades da libido, a teoria dualista freudiana estaria se aproximando a um monismo pulsional, o que não era satisfatório para Freud.

Segundo Ernest Jones (1961), Freud era cativado pela ideia de um profundo conflito psíquico decorrente de duas forças opostas. Na teoria psicanalítica, vários aspectos teóricos são fundamentados na noção de pares de opostos; logo seria imprescindível para Freud que fosse preservado esse aspecto dualista.

O fenômeno que realmente intrigou o pai da psicanálise e foi essencial para a introdução da pulsão de morte e conseqüentemente do novo dualismo pulsional é a compulsão à repetição. A repetição não era uma temática nova para a psicanálise, mas antes de 1920 Freud considerava a compulsão à repetição somente atrelada ao princípio do prazer, como publicado no texto *O Infamiliar* (1919):

No inconsciente anímico, é possível, de fato, reconhecer-se o domínio de uma incessante *compulsão à repetição* das moções pulsionais, a qual, provavelmente, depende da mais íntima natureza das pulsões, e que é suficientemente forte para se impor ao princípio do prazer, conferindo um caráter demoníaco a certos aspectos anímicos. (p. 79).

Entretanto, os sonhos recorrentes nas neuroses traumáticas, as brincadeiras infantis (exemplificado no jogo do *fort-da*) e a repetição do reprimido nas neuroses de transferências observadas por Freud o fizeram repensar a quê poderia servir a compulsão à repetição.

Os capítulos de *Além do princípio do prazer* (1920) vão tratando de cada um dos tópicos citados acima, direcionando-nos até a hipótese da pulsão de morte. Ao

falar sobre os sonhos nas neuroses traumáticas,<sup>11</sup> Freud centra a atenção em algo que lhe soa incoerente: se os sonhos são realizações de desejos, como explicar os sonhos repetitivos de uma experiência traumática? Para responder essa questão, Freud nos conduz a analisar a graciosa cena doméstica de uma brincadeira infantil.

A cena do jogo do *fort-da* retrata a brincadeira de uma criança de um ano e meio que repetidamente arremessava para longe seu carretel de madeira amarrado com um barbante, fazendo objeto desaparecer, enquanto segurava a ponta da corda exclamando o que seria *fort* – “ir embora”, apenas para em seguida puxar o carretel novamente e fazê-lo reaparecer, exclamando *da* – “ali”. A brincadeira estaria representando simbolicamente a ausência e o retorno de sua mãe e demonstraria a renúncia pulsional da criança que deixava a mãe ir sem protesto.

Freud (1920) interpreta que, através do jogo, o menino lograva uma posição ativa diante da posição passiva que ocupava ao não ter escolha sobre a desprazerosa ausência da mãe. Ele elucida: “Vê-se que as crianças repetem, brincando, o que lhes produziu uma forte impressão na vida, que nisso reagem e diminuem a intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, donos da situação” (p. 175). Ainda assim, diante de todas essas elaborações, conceitualmente estes argumentos não seriam suficientes para a construção do conceito de pulsão de morte. Figueiredo (1999) afirma que nada disso se prova contra a dominância do princípio do prazer, e que não há como decidir entre essas interpretações.

Freud (1920) segue no texto falando sobre os fenômenos transferenciais dos neuróticos observados na clínica e salienta como a compulsão à repetição se mostra no tratamento psicanalítico. O paciente seria “levado a *repetir* o reprimido como vivência atual” (p. 177) ao invés de recordá-lo como pertencente ao passado. A vivência conectada a algo no presente e não ao conteúdo inconsciente de origem é precisamente o que se estabelece na relação de transferência com o analista, e é condicional para o processo analítico.

Freud (1920) entende que a resistência do paciente a entrar em contato com o reprimido vem do Eu consciente e pré-consciente, que está subordinado ao princípio do prazer por buscar evitar o desprazer; porém os esforços analíticos são no sentido de se apoiar no princípio da realidade e capacitar o paciente a suportar uma cota de desprazer. Garcia-Roza (1984) resume:

---

<sup>11</sup> Estudos de Ferenczi sobre as análises de neuroses de guerra logo após a Primeira Guerra Mundial agregam as argumentações de Freud sobre a compulsão à repetição.

O terapeuta ao mesmo tempo que necessita da neurose de transferência para que o processo terapêutico se constitua, deve mantê-la dentro de certos limites que, uma vez rompidos, seriam intoleráveis para o paciente (p. 135)

Até então, não há novidades em saber que algo pode ser prazeroso para uma instância psíquica e ser desprazeroso para outra. O que realmente chama atenção de Freud (1920) é haver a repetição compulsiva de experiências que de forma alguma pudessem ser prazerosas, como ele afirma no trecho abaixo:

Mas o fato novo e digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações; mesmo de impulsos desde então reprimidos. (p. 179).

O autor estende suas elucubrações teóricas sobre o fenômeno da repetição aos destinos de pessoas que parecem sempre repetir as mesmas vivências, com as mesmas fases encarando o mesmo fim. Freud (1920) chama de “eterno retorno do mesmo” (p. 182) algo vivido passivamente pelo indivíduo que está fora da sua influência. Esse conhecido “destino” o faz supor que na vida psíquica realmente exista uma compulsão à repetição que transcende o princípio do prazer. E ele conclui: “(...) e esta [*compulsão à repetição*] quer nos parece mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado” (p. 184)

Este algo mais elementar é a pulsão de morte, não nomeada ainda. É como se Freud hesitasse a nomeá-la: “a ideia é forte demais para ser apresentada de repente.” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 136). Freud (1920) acrescenta mais um elemento: o caráter conservador das pulsões.

Seja na clínica ou fora dela, em condições normais como nas brincadeiras infantis, a compulsão à repetição apresenta claramente um caráter pulsional. Freud (1920) especula que há uma tentativa das pulsões de restaurar um estado anterior. Em suas exatas palavras:

Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica. (p. 202).

Tentado a ir a fundo nesta conjectura, de que as pulsões querem reestabelecer algo anterior, Freud não consegue escapar da admissão que há uma falsa impressão de forças que tendem à mudança e ao progresso enquanto estariam, de fato, apenas buscando alcançar um antigo objetivo por vias conhecidas.

Essa tendência de retorno a um estado anterior do qual o organismo vivo se distanciou, e o qual tanto se esforça para alcançar através de diferentes caminhos no seu desenvolvimento, o leva a deduzir que “todo ser vivo morre por razões internas, então só podemos dizer que *o objetivo da vida é a morte*, e, retrospectivamente que *o inanimado existia antes que o vivente*.” (p. 204). Deduz-se que o estado de equilíbrio da substância inanimada é quebrado por ação de forças externas; desta forma, a tentativa de retorno a homeostase original seria então, a vida.

Se em todo o ser vivo há a propensão para a morte, e esta se dá por razões internas, trata-se, portanto, de algo inerente ao ser vivo. Freud (1920) alega que existe um esforço do próprio ser vivo de retorno ao inorgânico. Ele denominará esta tendência de *pulsão de morte*.

É de referir que o próprio autor expressa quão surpreendente estas conclusões são, antecipando a questão que esperaríamos: o que tudo isso dirá sobre os estudos das pulsões por trás das manifestações da vida? Para fortalecer a sua hipótese, Freud (1920) se ampara na biologia, mais especificamente nos estudos de Weismann sobre células germinativas, para traçar uma analogia. Pela ótica morfológica, a substância viva teria uma parte fadada à morte – o soma, o corpo segregado do componente responsável pelo sexo e a herança – e a parte imortal – o plasma germinal, incumbido a reproduzir e preservar a espécie. Baseado nesta concepção, são distinguidas duas espécies de pulsões, como descrito abaixo no trecho de *Além do princípio do prazer* (1920):

Quanto a nós, não recorreremos à substância viva, mas às forças nela atuantes, e fomos levados a distinguir duas espécies de instintos, aqueles que pretendem conduzir a vida à morte e os sexuais, que sempre buscam efetuar a renovação da vida. (p. 214).

Agora, se a hipótese é de que toda pulsão tem como meta um retorno ao inanimado e, portanto, de que todas as pulsões são conservadoras, isso incluiria também as pulsões sexuais, como Freud (1920) esclarece:

São conservadoras no mesmo sentido que os outros, ao trazerem de volta estados anteriores da substância viva, mas o são em medida maior, ao se revelarem peculiarmente resistentes aos influxos externos, e também num outro sentido ainda, pois conservam a vida mesma por períodos mais longos. Eles são propriamente instintos de vida; pelo fato de agirem contra a intenção dos outros instintos – que devido a sua função, conduz à morte – insinua-se uma oposição entre eles e os demais, cuja importância logo foi reconhecida pela teoria das neuroses. (p. 207).

A constatação de que as pulsões sexuais são também conservadoras terá sua relevância para os pós-freudianos em relação à pulsão de morte. Para alguns a compulsão à repetição terá sua dualidade: não viverá só de pulsão de morte, mas de pulsão de vida também, e conseqüentemente poderá ser inerente em todo tipo de pulsão. Outra derivação conceitual, mais extrema, partirá do entendimento que todas as pulsões seriam de morte, o que mostra como esta hipótese ganhará várias interpretações ao longo do desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Todavia, para Freud, a compulsão à repetição será sempre representante da pulsão de morte.

No último trecho citado, Freud (1920) anuncia também o novo dualismo pulsional, caracterizado pela oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, sendo as pulsões de vida o grupo que inclui as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação do ego, com o propósito de promover e garantir a sobrevivência, o desenvolvimento do organismo e a preservação da espécie. Já às pulsões de morte, como o próprio nome implica, fica designada a meta de retorno ao inanimado.

Garcia-Roza (1984) questiona se este dualismo realmente seria autêntico, tendo em vista que a pulsão de vida não faria nada além de normalizar o caminho para a morte, e, deste modo, estaria à serviço da pulsão de morte e não em oposição. “O objetivo da pulsão de vida não é evitar a morte, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não natural. Ela é reguladora do caminho para a morte” (p. 137)

Mas Freud (1920) garante a autenticidade questionada ao demonstrar que as pulsões sexuais são verdadeiramente as pulsões de vida, por requererem a junção de dois indivíduos dos quais um novo ser vivo se originará. Logo, como pulsão de vida,

a autoconservação faz a regulação do caminho para morte, enquanto a pulsão sexual, cuja expressão é a libido, garante a imortalidade do ser vivo através das células germinais. Estamos realmente falando de Eros em oposição a pulsão de morte.

O conflito observado na investigação das neuroses de transferência atribuído qualitativamente à oposição entre as pulsões sexuais e as de autoconservação do ego se mantém na teoria a partir do ponto de vista topográfico, como o conflito entre as pulsões sexuais originárias do Id e o Ego. O segundo dualismo pulsional teria direcionado Freud a sugerir a segunda tópica, justamente pela pulsão de morte, e a reafirmar o Ego como uma instância libidinizada e em parte inconsciente.

Em 1923, no *Eu e o Id* Freud deixa de considerar consciente e inconsciente como sistemas organizadores da atividade anímica e passa a considerá-los como qualidades psíquicas. A nova geografia conta com uma instância pulsional, denominada Id, oposta ao Ego. A realidade e seus representantes, como os ideais e o Superego, estariam do outro lado do Ego. Então, na segunda tópica, o Ego teria dois polos: o perceptivo, no qual a fundação é a consciência, e outro que é inconsciente, em parte imerso no Id. Na fronteira entre os dois (Ego e Id), estariam as resistências desempenhadas pelo Ego, que não raro são transpassadas pelos representantes ideativos do reprimido. O Ego é, na verdade, parte do Id que teve de lidar com os estímulos do mundo externo através do sistema perceptivo (Pcpt-Cs) e, como consequência, modificou-se. A segunda tópica considera a origem pulsional do Ego que está submetido a dois polos conflitantes: o manancial de pulsões do Id exigindo satisfação e a realidade que demanda o controle dos impulsos pulsionais.

É importante salientar que, na teoria freudiana, a segunda teoria pulsional não substitui a primeira, mas simplesmente a amplia. Com a introdução do conceito de pulsão de morte, o dualismo pulsional que Freud tanto prezava é preservado, e, apesar de assumir que dificilmente seria possível demonstrar a existência de pulsões de autoconservação sem componentes libidinais, ele reitera que não haveria razão para apostar no monismo pulsional, como Jung defendia.

Diante da expectativa de exemplificar como a pulsão de morte opera, Freud (1920) aponta o componente sádico da pulsão sexual. Em *Os instintos e seus destinos* (1915) o sadismo era original e se compreendia o masoquismo como o sadismo voltado para o próprio Ego do indivíduo. Ele reposiciona seu entendimento sobre o sadismo sob a nova ótica pulsional e fala de um provável “masoquismo primário”,

ideias que anos mais tarde serão desenvolvidas nos artigos *O Eu e o Id* (1923) e *O problema econômico do masoquismo* (1924).

Quanto ao princípio do prazer, sobre o qual a dúvida quanto à dominância havia iniciado essa reviravolta toda, servirá, por fim, de apoio para justificar a existência da pulsão de morte. O reconhecimento desta tendência como dominante da vida psíquica, dado que se esforça para reduzir, manter constante ou abolir a tensão interna causada pelos estímulos, Freud (1920) dirá que “é um dos nossos mais fortes motivos para crer na existência de instintos de morte” (p. 228), em razão de atentarem contra a tensão provocada pelas pulsões de vida. O princípio que regeria as pulsões de morte seria o de nirvana,<sup>12</sup> a máxima expressão do princípio do prazer que busca descarga imediata e total das excitações.

Já apresentadas as origens da segunda teoria das pulsões, iremos continuar tratando do impacto que a introdução do conceito de pulsão de morte elaborado até então causou na obra freudiana, e do que mais tarde foi revisitado e repensado após a sua formulação.

---

<sup>12</sup> Expressão que Freud credits a Barbara Low em *Além do princípio do prazer* (1920).

## 2. O IMPACTO DA “VIRADA”: As reviravoltas na teoria freudiana após a introdução do conceito de pulsão de morte

### 2.1 A reviravolta anunciada

Como vimos, tal visão freudiana nasce para dar conta de uma lacuna teórica diante de certos fenômenos clínicos, e, arrisco acrescentar, da convicção da aposta de Freud na dualidade pulsional. Assim como outros conceitos que surgiram na teoria de forma abstrata, sem muita firmeza, a pulsão de morte foi ganhando importância e ocupando espaços ao longo do percurso da psicanálise, se tornando cada vez mais relevante e coerente diante da possibilidade de se relacionar com outras manifestações clínicas e acompanhar o pensamento analítico.

Com tudo que foi tratado até o momento, não parece incongruente a referência comumente dada à publicação do texto *Além do princípio do prazer* (1920) como “virada dos anos 20”; afinal, a introdução da ideia de pulsão de morte em oposição à pulsão de vida parece ser a concepção mais polêmica da metapsicologia psicanalítica. Muitos discípulos de Freud questionaram e condenaram a sua ousadia, e nem mesmo ele se absteve de admitir a obscuridade desta formulação na sua teoria.

O surpreendente é que esta reviravolta já estava anunciada – pelo próprio Freud, como claramente pôde ser visto com a publicação dos seus promissores esboços no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), pelos estudos de Ferenczi sobre a neurose traumática de guerra, fundamentais para embasar a argumentação freudiana sobre a existência da pulsão de morte, mas também por outro estudo de Sabina Spielrein, timidamente citado por Freud numa nota de rodapé do item seis de *Além do princípio do prazer* (1920), chamado *A destruição como origem do devir* (1912).

Como Cromberg comenta em *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise* (2014), ao incluir a nota de rodapé Freud “confirma a antecipação por Sabina Spielrein de ideias que Freud estava apresentando – embora na época, não inteiramente inteligível para ele” (p. 22). O caminho percorrido por Freud teria sido desbravado primeiramente pelos estudos de Spielrein, que em 1911 já expunha a diversidade das expressões do componente destrutivo da sexualidade e supunha uma destrutividade, não em oposição, mas interna à pulsão sexual.

Os próprios questionamentos de Spielrein, em *A destruição como origem do devir* (1912), quanto ao porquê de a pulsão de procriação trazer consigo afetos negativos, como angústia e a aversão, ao lado do prazer, e quanto a se haveria forças pulsionais agindo no psiquismo, independentemente do princípio do prazer, são similares ao questionamento freudiano. Ao comentar estudos de outros autores e pensadores, recorrer à biologia e elaborar uma hipótese, Spielrein entende que os afetos negativos são “afetos que correspondem aos componentes destrutivos do instinto sexual” (2014, p. 232). Há inclusive o emprego da expressão “pulsão de morte” com o mesmo sentido que Freud apresenta, quando introduz a fusão e a des fusão pulsional em 1923. Spielrein fala do encobrimento da pulsão de morte pela pulsão sexual.

Contudo, o choque da introdução desta hipótese na psicanálise é atribuído a Freud. Nas palavras de Cromberg (2014) “o conceito freudiano de pulsão de morte recalçou o conceito spielreiniano de destrutividade. Apesar de uma acolhida receosa, o texto de Spielrein provocou uma profunda e duradoura impressão em Freud” (p. 220). Essa impressão fica evidente na trajetória da construção do conceito de pulsão de morte na obra freudiana, que o conduz a revisar importantes elementos da teoria pela influência segunda teoria pulsional.

O primeiro conceito a ser examinado, ainda no mesmo texto em que Freud (1920) introduz a pulsão de morte, é o sadismo, e mais tarde o masoquismo. Outra revisão importante, já citada acima, foi a configuração tópica do aparelho anímico. Dessa maneira, a pulsão de morte assume um papel de destaque na constituição do psiquismo sobretudo na parte que se refere ao Superego.

## **2.2 A fusão e a des fusão pulsional**

O componente sádico da pulsão sexual é mencionado em *Além do princípio do prazer* (1920) em referência a seus estudos nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), onde Freud havia relatado: “o sadismo corresponderia, então, a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente, exacerbado” (1905, p. 52). Quinze anos mais tarde, sob a perspectiva do segundo dualismo pulsional, a questão que emerge é: “Mas como pode o instinto sádico, que visa ferir o objeto, ser derivado do Eros conservador da vida?” (1920, p. 225).

Era razoável para Freud (1920) supor, de primeira, que o sadismo seria a pulsão de morte que havia sido empurrada do Ego pela influência da libido narcísica, e como resultado se manifestaria somente em relação ao objeto. Só que essa concepção na visão dele estaria “muito longe de qualquer evidência e cria uma impressão quase mística” (p. 226). De qualquer forma, essa suspeita o incentivará a trabalhar mais a fundo sua hipótese sobre o sadismo.

Em *Eu e o id* (1923) o sadismo é visto pela ótica de duas espécies de pulsões que se ligam, se misturam umas com as outras. As pulsões de morte seriam silenciosas e suas manifestações só seriam possíveis de ser atestadas quando fundidas com a libido. Cada uma dessas pulsões estaria ativa em cada fragmento de substância viva, mas em misturas desiguais. A partir do momento em que Freud admite a fusão das espécies de pulsões, admite também a possibilidade de des fusão, mesmo que nunca completa.

Deve-se frisar que a ideia de fusão e des fusão pulsional já havia sido apresentada por Adler em 1908, nas conhecidas reuniões às quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena, no mesmo estudo citado por Freud, *O Pequeno Hans*. Como já mostramos nesta pesquisa, Adler fala sobre duas pulsões originalmente separadas que se fundem posteriormente, referindo-se justamente à pulsão sexual e à pulsão agressiva ao falar sobre o sadismo. Freud retoma o que foi tratado no discurso de Adler e o inscreve em seu conceito dualista pulsional, evidenciando a incontestável influência das ideias adlerianas na formulação teórica da noção de fusão e des fusão freudiana, ainda que as tivesse recusado inicialmente.

Freud adota como modelo clássico da mescla pulsional o componente sádico da pulsão sexual; por sua vez, o sadismo que se torna perversão seria um exemplo de des fusão não extremo. O argumento de Freud (1923) para sustentar esta hipótese tem como base a biologia. Ele explica:

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Este órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então – mas provavelmente só em parte – como instinto de destruição, voltado para o mundo externo e outras formas de vida. (p. 51).

A noção de fusão pulsional persiste quando Freud (1923) fala sobre a ambivalência comum vista nas polaridades de amor e ódio. Não se presume a transformação de um em outro, até porque esta não seria compatível com o caráter das duas espécies de pulsões; contudo, ele fala de uma “energia deslocável, que, em si indiferente” (p. 55). A energia estaria no Ego ou no Id. Ela poderia se juntar ao impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado, e teria a capacidade de elevar o investimento total deste. Freud tenta explicar essa energia deslocada como libido dessexualizada ou sublimada, porém ele próprio admite não assimilar suficientemente o que originaria ou o que significaria essa energia.

Mais à frente, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), o masoquismo será revisitado e ganhará o status de fenômeno psíquico primário, deixando de ser entendido como secundário. Freud se refere a ele no texto como masoquismo erógeno, que estaria também na base das duas outras formas identificadas: o feminino e o moral. Como vemos na citação abaixo, o masoquismo erógeno tem uma nova ótica devido à noção de fusão pulsional, e é então visto como consequência da atuação concomitante entre Eros e a pulsão de morte:

A libido encontra nos seres vivos (multicelulares) o instinto de morte ou destruição que neles vigora, que busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de inorgânica estabilidade (ainda que esta possa ser relativa). Ela tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte – e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura – para fora, para objetos do mundo exterior. Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. Uma parte desse instinto é colocado diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno. (p. 191).

Essa explicação dada por Freud (1924) é fundamentada nos conceitos de fusão e des fusão da pulsão. Às diversas possibilidades de proporções de misturas das pulsões admitem-se graus, sendo o grau mais elevado de mistura a fusão e o funcionamento quase separado das duas espécies seria a des fusão. Ou seja, no

masoquismo erógeno, estamos falando da fusão da pulsão destrutiva<sup>13</sup> com a pulsão sexual. O masoquismo alcança maior dimensão do que lhe era atribuído até então. Devido à atualização conceitual, cada uma das fases do desenvolvimento libidinal pode ter implicações masoquistas, e não mais apenas entre as fases sádico-anal e fálica.

Outra importante consequência da amplitude do conceito é a resposta sobre a origem da consciência de culpa. É atribuída ao Superego a função de consciência moral, e vê-se na culpa a expressão do conflito entre o Ego e o Superego. O Ego reage com angústia às exigências do Superego e estas demandas superegoicas demonstram o caráter sádico dessa instância. Como Freud (1924) elucida:

Ele [Super-eu] se originou da introjeção, no Eu, dos primeiros objetos dos impulsos libidinais do Id, o casal de genitores, na qual a relação com os dois foi dessexualizada, foi desviada dos objetivos sexuais diretos. Apenas desse modo foi possível a superação do complexo de Édipo. O Super-eu conservou as características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir. Como foi exposto em outro lugar [*O Eu e o Id*], é fácil conceber que, graças à desagregação de instintos que ocorre juntamente com essa introdução no Eu, a severidade aumentou. (p. 196).

Portanto, essa severidade seria exacerbada pela defusão pulsional que ocorre na formação do Superego. Por fim, para Freud (1924), o masoquismo moral vira testemunha da existência da fusão instintual, “seu caráter perigoso se deve ao fato de proceder do instinto de morte, correspondendo à parte deste que escapou de ser voltada para fora como instinto de destruição” (p. 202). Mas como o masoquismo parece sempre se valer de uma cota erótica, Freud conclui que “a autodestruição do indivíduo não pode ocorrer sem satisfação libidinal” (p. 202).

---

<sup>13</sup> Segundo Garcia-Roza (1984), quando Freud fala em pulsão de morte, ele prefere falar no plural, deixando as diversas possibilidades de expressões dessa pulsão. A destrutividade é uma das expressões que caracteriza o par sadismo-masoquismo. O termo pulsão destrutiva se refere a uma das expressões da pulsão de morte.

### 2.3 Sob o signo de Tânatos

A expressão de Mezan (1985), “sob o signo de Tânatos”<sup>14</sup> (p. 443), não poderia descrever melhor a influência da pulsão de morte na obra freudiana nas publicações após 1920. Nota-se a força que esta concepção ganhou para Freud e como se impôs ao longo do tempo, a ponto de ele mesmo confessar em 1930, no texto *O Mal-estar na civilização*, que já não conseguia pensar de outro modo.

As rumações decorrentes dessa construção originaram artigos de grande prestígio como *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930) e *O Moisés e o monoteísmo* (1939), que transcenderam o campo do pensamento psicanalítico e são valiosos inclusive para outras áreas do conhecimento. A violência e destrutividade foram gradativamente adquirindo notoriedade, ao passo que a hipótese de pulsão de morte se impunha, fazendo com que os textos citados acima abrissem novos caminhos para o estudo destes temas.

Um ponto crucial que ainda intrigava Freud no texto *Além do princípio do prazer* (1920) era a autonomia<sup>15</sup> da pulsão de morte. Houve resistência de sua parte em aceitar uma destrutividade não ligada à sexualidade, deixando-o num entrave em relação à sua visão dualista pulsional, como aponta Garcia-Roza em *O mal radical em Freud* (1990). Exatamente dez anos mais tarde, a afirmação sobre a autonomia plena é exposta em *O mal-estar na civilização* (1930), no qual a pulsão de morte autônoma é entendida como pulsão de destruição. Antes disso, a destrutividade estava sempre vinculada à sexualidade.

Haviam se passado doze anos desde que Adler defendeu em seu ensaio a existência de uma pulsão agressiva, a qual Freud custou a aceitar. Adler delineou o primeiro conceito de pulsão agressiva na história da psicanálise ao articular a agressividade com o sadismo. Segundo Handlbauer, no livro *A controvérsia Freud-Adler* (1998), Freud reexaminou a possibilidade de uma pulsão agressiva independente somente após a Primeira Guerra Mundial, algo que pode muito bem ter influenciado seus pensamentos a partir do seu crescente pessimismo cultural.

---

<sup>14</sup> O termo Tânatos para designar as pulsões de morte, fazendo simetria com o termo Eros segundo Laplanche e Pontalis (1967) não se encontra nos escritos freudianos, mas Ernest Jones teria afirmado que Freud utilizava o termo informalmente em conversas. Federn teria sido o responsável pela sua introdução na literatura analítica.

<sup>15</sup> Entende-se por “autonomia” a pulsão de morte cuja energia não seja a libido (Garcia-Roza, 1990).

No texto *O mal-estar na civilização* (1930) a distância entre pulsão de morte e a agressividade é estreitada. Quando Freud afirma que “o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, (...) mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade” (p. 76), está dizendo que a agressividade seria mais que a consequência de uma defusão pulsional. A partir deste momento ela é vista como inata a natureza humana.

No final do capítulo VI, a pulsão de agressão é entendida como derivada e representante da pulsão de morte, mas, ao longo do texto, diversas vezes ambos os conceitos parecem se igualar em significado. Freud amplia a significância de agressividade ao dizer que “quando uma tendência instintual sucumbe à repressão, seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus componentes agressivos, em sentimento de culpa” (p. 113). Ou seja, o grande inimigo civilizatório é a destrutividade, indicada como fonte do sentimento de culpa. Ao ser interiorizada, a destrutividade retorna ao seu ponto inicial, agora voltada contra o próprio Ego na forma de Superego. É deste conflito que surge o sentimento de culpa, o mal-estar na civilização que Freud expõe em 1930, a expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e a pulsão de morte ou de destruição.

Parece ter custado a Freud reconhecer uma pulsão destrutiva independente da pulsão sexual; isso significaria admitir que há uma maldade substancial e ubíqua, qual não se pode escapar. Como Garcia-Roza (1990) bem resume, não se trata mais de uma sexualidade sob domínio do princípio do prazer, que se apropria da agressividade para alcançar sua meta. Estamos tratando de uma disposição pulsional independente e inerente ao ser humano.

Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. (p. 77).

A radicalidade deste conceito no pensamento psicanalítico se fundamenta no entendimento de que os ataques voltados aos objetos externos provêm das exigências da pulsão de morte, que demanda a subjugação do outro à nossa destrutividade através do ódio, da agressividade, da violência. Este é, na verdade, o

desvio da autodestrutividade presente tanto entre as instâncias intrapsíquicas, como na relação do Ego e o Superego, quanto na agressividade voltada aos mecanismos psíquicos que adiam a descarga imediata e que encontram seus representantes nos objetos externos através da projeção.

É compreensível a resistência de Freud em aceitar a destrutividade como inerente ao ser humano; afinal, tal aceitação confirmaria que, por mais que a sociedade, a cultura, o conhecimento e a própria psicanálise evoluam, seria impossível mudar algo que nos constitui. Sempre teremos que lidar com o nosso desamparo diante da destrutividade que reside em nós e que atormenta as nossas relações com o outro. A civilização coloca obstáculos às nossas pulsões destrutivas e nunca deixará de ser um processo, mas por isso mesmo estará perpetuamente vulnerável e ameaçada.

Um entendimento superficial do conceito de pulsão de morte freudiano poderia nos conduzir, erroneamente, a atribuir certa negatividade à atuação dessa pulsão; mas a vida é resultado deste desequilíbrio. No *Compêndio de psicanálise* (1940 [1938]) Freud exemplifica num pequeno trecho como os fenômenos vitais se manifestam pela atuação conjunta ou antagônica de Eros e da pulsão de morte: “o ato de comer é uma destruição do objeto com a meta final de incorporá-lo, e o ato sexual, uma agressão com o propósito da mais íntima união” (p. 196).

Garcia-Roza (1990) entende que a capacidade disjuntiva da pulsão de morte é produtora de mudanças, e, como ele elabora em *O mal radical em Freud*:

Se houvesse ação exclusiva de Eros, todas as diferenças se dissolveriam numa grande unidade final, o que significaria o desaparecimento do sujeito e do desejo, já que ambos só podem ser concebidos como diferenças. (p. 138).

A meta de “dissolver nexos e, assim, destruir coisas” (p. 196) da pulsão de morte se faz necessária na vida psíquica e na clínica.

### **3. A VALORIZAÇÃO DA VIDA DIANTE DA MORTE: O trabalho de apoio emocional sob a ótica do dualismo pulsional**

A compreensão do conceito freudiano de pulsão de morte nos permite reconhecer que a natural inclinação à destrutividade, a qual todos seres humanos carregam em si, é o preço pago pelo estabelecimento do pacto civilizatório. Basta que liguemos os noticiários ou entremos numa rede social para nos confrontarmos com a nossa notória ineficiência em conter as pulsões destrutivas. O mundo não deixa de ser um ambiente hostil e ameaçador, representado no desprezo e na indiferença pelo próximo, no individualismo, no ódio e no requinte sádico nas relações perversas que subjuga e humilha o outro. Nestes tempos difíceis em que nos encontramos, a sociedade parece sinalizar que o tecido social se encontra esticado ao limite.

Já com alguma bagagem de experiência no programa de prevenção do suicídio do Centro de Valorização da Vida – CVV,<sup>16</sup> trabalho humanitário de apoio emocional gratuito oferecido por voluntários disponíveis para prestar apoio emocional por meio de canais telefônicos, eletrônicos e presencialmente, os efeitos do clima social atual nos conteúdos das conversas são evidentes. Por vezes, o discurso da Outra Pessoa<sup>17</sup> nos atendimentos vem carregado de ambivalência, agressividade, desejo de vingança, culpa, vergonha, ódio seja voltado para si próprio, de forma autodestrutiva, ou voltado para o externo, almejando a destruição do outro.

A disponibilidade de estar com o outro para ouvi-lo e acolhê-lo num momento de crise emocional, como é vivenciado no voluntariado de escuta empática, parece significar estar disponível para lidar com as diversas manifestações das pulsões de morte, presentes no conflito do mundo interno de cada pessoa, na luta com o Eros e no conflito com o mundo externo, através do mal-estar na civilização.

Grupos de apoio como o CVV fundamentam o atendimento na capacidade de conectar com o outro e ampará-lo no momento de sofrimento, de tal forma que diminua a angústia e facilite o reposicionamento da pessoa diante da sua dor, levando-a a optar por outros percursos que não o de ir de encontro à sua própria morte.

---

<sup>16</sup> O Centro de Valorização da Vida é uma Organização da Sociedade Civil sem finalidades lucrativas, de caráter filantrópico, fundada em 1º de março de 1962 como Campanha de Valorização da Vida, na cidade de São Paulo. Foi registrado como Centro de Valorização da Vida em 20 de fevereiro de 1965 e em 20 de dezembro de 1973, reconhecido como Entidade de Utilidade Pública Federal pelo Decreto nº 73.348 (CVV, 2018, p. 9).

<sup>17</sup> Termo usado no CVV para se referir a quem busca atendimento de apoio emocional.

No texto “O que há além do princípio do prazer?” (2020), Denise Alencar finaliza sua reflexão expressando que na vida e na clínica psicanalítica a pulsão de morte grita para ser escutada por meio da compulsão à repetição, criando a possibilidade de ser apreendida por alguma malha representacional. Segundo a autora, o analista atento teria a oportunidade de mediar a pulsão de morte para que ela pudesse ser provocadora da integração do que foi traumático e ainda não alcançou chance de simbolização. Uma das funções do analista seria mediar a pulsão de morte para que ela possa gerar vida.

Sabemos que o trabalho do CVV está longe de ser um trabalho analítico propriamente dito; estamos falando de um serviço que funciona como um pronto-socorro emocional. Não é um substituto da psicoterapia ou ajuda especializada, é um oferecimento de apoio de um ser humano a outro. Mas retomando a indagação feita no início dessa pesquisa, a partir da ótica da teoria das pulsões e do que se compreende da dualidade pulsional, seria a prevenção do suicídio através da valorização da vida como o CVV sugere, uma forma de mediação da pulsão de morte? Proponho examinarmos o trabalho de Valorização da Vida e da perspectiva do voluntário, compreendermos em quais circunstâncias emocionais a pessoa que procura o CVV se encontra a fim de nos aproximarmos da resposta desta questão.

### **3.1 A Valorização da Vida**

“A partir do momento em que o ser humano se colocou em disponibilidade para ouvir com compaixão o desabafo das angústias de outro ser, pode-se dizer que começou o trabalho de prevenção ao suicídio” (FOCÁSSIO, 1989, p. 8). Essa é a primeira frase do livro *CVV - Uma proposta de vida*, escrito pelos fundadores do Centro de Valorização da Vida (CVV) e publicado em comemoração aos 25 anos de trabalho de apoio emocional e de prevenção do suicídio. Essa premissa está na base da proposta de vida do CVV, que aposta nas atitudes básicas de confiança nas pessoas, de respeito ao próximo, de aceitação e compreensão empática (CONCHON, 1989, p. 33) como o caminho para a valorização do ser humano, rumo a uma sociedade mais acolhedora.

O programa CVV é inspirado em diversos outros serviços de apoio emocional que surgiram em momentos de crise ao longo a história. Após a Segunda Guerra Mundial, vários grupos de profissionais ou de voluntários começaram a se formar na

Europa e nos EUA, exclusivamente com o propósito de prevenir o suicídio. Dentre estes, o que mais se destaca é conhecido como Samaritans, criado em Londres no ano de 1953 pelo Reverendo Chad Varah, pastor da Igreja Anglicana e psicoterapeuta.

O trabalho do Reverendo Varah havia se iniciado anos antes, em 1936, quando, ainda jovem e recém-formado pela igreja, teve que proceder ao serviço fúnebre de uma garota de 14 anos que se suicidara ao se apavorar com os primeiros sinais da menstruação, achando que se tratava de uma doença venérea. Ainda chocado com o ocorrido, o Reverendo Varah descobriu através de uma notícia de jornal que três pessoas se suicidavam por dia em Londres. Pouco tempo depois, ele escreveu para um jornal local dizendo-se disponível para “ouvir seriamente pessoas falarem de assuntos sérios” (LORENZETTI, 1989, p. 8), e passou a receber pessoas na sua casa por algum tempo, até que, anos mais tarde, com a ajuda de amigos, se instalou no porão da Igreja de Santo Estevão em Londres, numa pequena sala com um telefone. Hoje o Samaritans conta com mais de 200 postos no Reino Unido, e é deste grupo que originou o Befrienders Worldwide,<sup>18</sup> organização que congrega voluntários de mais de 32 países da qual o CVV faz parte.

Lorenzetti (1989) descreve que os samaritanos são disponíveis e dispostos a ouvir. Não tem conselhos para dar, mas têm a si mesmos para dar-se; são pessoas que, nas suas palavras: “não estão preocupadas com um problema de seu próximo, mas estão preocupadas com o próximo integralmente, como pessoa e não como número a mais entre os numerosos problemas da humanidade” (p. 9). A atuação dos samaritanos na Inglaterra influenciou um grupo de jovens frequentadores das escolas da Federação Espírita do Estado de São Paulo interessados em fazer algum tipo de caridade. Foi-lhes apresentado o trabalho em Londres e sugerida a ideia de trabalhar numa campanha de prevenção do suicídio. Assim, se originou o CVV.

A primeira Campanha de Valorização da Vida (origem da sigla) começou em 1962 e inicialmente, segundo Lorenzetti (1989), “o recurso que deveria ser usado, sempre que alguém manifestasse a ideia suicida, era propor um adiamento” (p. 25). Na década seguinte, a postura não-diretiva se estabelece nos atendimentos do CVV

---

<sup>18</sup> A Befrienders Worldwide é uma instituição de caridade fundada em 2012 que ajuda pessoas que contemplam suicídio ou experimentando um sofrimento emocional geral. A organização tem 349 centros de apoio emocional em 32 países, atingindo cerca de 7 milhões de pessoas a cada ano. (Informação retirada do site [www.befriendersworldwide.com](http://www.befriendersworldwide.com), acesso 28/06/2021)

e o trabalho encontra conformidade com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP),<sup>19</sup> embasado no entendimento que o ser humano tem uma tendência natural ao desenvolvimento, uma “tendência atualizante”<sup>20</sup> (CVV, 2019, p. 15), e que, estando num ambiente facilitador, tomará direções construtivas para o seu crescimento e realização de seus potenciais. Assim, compete ao voluntário do CVV oferecer uma relação de ajuda, doando apoio de uma pessoa para outra que está em um momento de crise, facilitando o desabafo criando condições para o sujeito entrar em contato novamente com a sua tendência atualizante.

A ajuda do CVV “propõe-se e não se impõe” (CVV, 2018, p. 26), isso é, não se vale de nenhuma técnica de persuasão, crença ou doutrina religiosa. Acredita-se que o sigilo cria um clima facilitador e menos ameaçador; por isso anonimato e confidencialidade são garantidos. É um apoio sem exigências ou interferências; o outro é livre para interromper o contato, recusar a ajuda e inclusive decidir tirar a própria vida. O diálogo que se estabelece na relação de ajuda se limita à duração da extensão da necessidade do outro, e é focado na vivência emocional da pessoa diante do problema, e não na sua resolução em si. Como descrito no *Manual do voluntário* (2018):

O foco de nossa atenção deve estar na própria pessoa, no que ela está relatando, nos sentimentos e nas vivências que nos conta, o que é profundamente abrangente (envolve sentimentos, pensamentos, sensações e intuição) e ainda soma o seu sistema de valores e experiências de vida – atitudes e comportamentos. Resumindo, é diferente e vai muito além do querer entender racionalmente o problema. (p. 22).

A valorização da pessoa e da sua subjetividade, considerando seu mundo mental e emocional ao invés de focar no fato desencadeador do desequilíbrio

---

<sup>19</sup> A ACP foi apresentada inicialmente por Carl Rogers na década de 1940, com outra terminologia, e adquiriu este nome a partir do desenvolvimento da não-diretividade. O método consiste em focar na vivência emocional da pessoa sem interferência direta do terapeuta, valorizando sua autonomia e confiando na sua capacidade de traçar caminhos para a alcançar as respostas que procura. (CVV, 2019, p.6)

<sup>20</sup> Este conceito é apresentado por Carl Rogers. Ele alegava observar em todos os seus clientes uma tendência para o crescimento. Ao longo dos anos, este conceito foi amadurecendo com a contribuição de outros teóricos até ser entendida como: “um impulso natural para o crescimento, para o desenvolvimento e realização dos seus potenciais, visando sua conservação e enriquecimento” (CVV, 2019, p.8).

emocional, é a essência da Valorização da Vida que o CVV legitima e propõe para os voluntários como postura nos atendimentos e na vida.

Tal tarefa demanda preparo e constante treinamento por parte dos voluntários. É imprescindível a abertura para o autoconhecimento, supervisão e aperfeiçoamento contínuo para que esta Postura de Vida<sup>21</sup> seja praticada cada vez mais naturalmente e perpetue dentro e fora do CVV. A intenção é que a contribuição do voluntário se expanda para além dos atendimentos e extravase para relações interpessoais nos seus ciclos de convivência, sendo coerente com a conduta assumida durante o apoio emocional. Como consequência, a escuta empática e os valores do trabalho têm a oportunidade de alcançar um raio maior de abrangência e percorrer diferentes meios na sociedade.

Conchon (1989) resume a proposta de vida do CVV como “uma excelente alternativa neste mundo atormentado de conflitos, violências e ilusões” (p. 36). Ao considerarmos que a palavra *alternativa* faz alusão a outro caminho, outra possibilidade para além das apresentadas, essa frase adquire um importante significado. No momento em que o sujeito não consegue encontrar outra saída para lidar com seu sofrimento ou sua infelicidade e considera o suicídio sua única opção, a escuta diferenciada, que reconhece as singularidades e complexidades do sofrimento humano e admite o protagonismo do sujeito na busca pela assimilação das suas próprias afecções, possibilita o estabelecimento de condições que rompem com a ideia do suicídio como o único recurso de aquietação da dor, ainda que temporariamente, e ao mesmo tempo abra espaços que passam ser ocupados pela tendência atualizante.

Compreende-se então que, no trabalho de pronto-socorro emocional, o objetivo principal é facilitar que a Outra Pessoa, à sua maneira, se desvencilhe momentaneamente daquilo que a impossibilita de investir na vida, pelo menos o suficiente para que consiga considerar outros rumos. Correlacionando com o que vimos nos capítulos anteriores sobre as teorias pulsionais na obra freudiana, supõe-se, através da experiência de relação de ajuda, que o sujeito possa criar recursos para

---

<sup>21</sup> Para o CVV, os princípios e práticas da instituição devem ser vivenciados como um jeito de ser e não serem aplicados como uma técnica. Segundo o Manual do Voluntário (2018) “Ao compreender e aceitar a proposta de vida do CVV, o voluntário passa a vivenciar os fundamentos práticos da Relação de Ajuda de diversas formas (...) Reconhece tratar-se de um jeito de ser, e não de uma técnica, uma filosofia de vida que preconiza viver para além das esferas do pronto-socorro emocional e da prevenção do suicídio” (p.26).

se reorganizar frente a seu sofrimento e suscite investimentos de Eros, contrapondo-se ao excesso de destrutividade interna proveniente da ação da pulsão de morte desfusionada, direcionada em partes ao Ego e em partes ao mundo externo.

Ainda na tentativa de responder nosso questionamento inicial e afim de agregar mais elementos a essa argumentação, consideraremos adiante a pessoa que procura ao CVV.

### **3.2 A pessoa que procura o CVV**

Desde primeira parte do Programa de Seleção de Voluntários, porta de entrada do candidato à voluntário no CVV, a pessoa que procura o serviço, ou, em outras palavras, a quem o serviço se destina, é pensada em primeiro plano. É imprescindível o conhecimento das possíveis motivações que levam alguém a buscar apoio emocional e de quais sentimentos podem se manifestar nas pessoas que pensam em suicídio. Afinal, é no campo da vivência emocional da Outra Pessoa que se estabelece a relação de ajuda.

Quem procura o CVV está em sofrimento, e este pode se apresentar nos mais variados graus, se nos permitirmos fazer tal classificação. A tentativa de romper com o sofrimento é o que motiva o contato da Outra Pessoa que sai à procura do amparo de outro ser humano, muitas vezes como o último recurso. Vale esclarecer que qualquer pessoa pode considerar suicídio em algum momento da sua vida, e embora comumente se tenha visto que o ato suicida surge de forma repentina, nem sempre é o correto afirmar isso. Como descrito no *Manual do Voluntário CVV* (2018), por vezes, é preciso passar por um longo tempo de sofrimento para que “o desejo de morrer supere o forte impulso para a vida que todo ser humano possui” (p. 16).

Para brevemente examinarmos o que é sentido e vivenciado emocionalmente pela pessoa que deseja a própria morte, nos apoiaremos nos estudos freudianos sobre a melancolia. Em *Luto e melancolia* (1917 [1915]), Freud descreve a melancolia como o luto impedido. A libido retirada do objeto perdido está impedida de ser deslocada para um novo objeto; como consequência, a libido que está recuada no Ego encontra outra função, a de identificação com o objeto perdido. Com a sombra do objeto sobre o Ego, ocorre o seu esvaziamento e o rebaixamento da autoestima. A culpa pela incompetência de manter o objeto é atribuída ao Ego, que é “julgado por

uma instância especial como um objeto, objeto abandonado” (p. 181). Essa instância é o Superego.

O desinteresse pela vida, a incapacidade de amar, a falta de motivação e a autopunição expressa através da condição delirante, que direciona ao Ego tendências sádicas e ódio referentes ao objeto perdido, são apontados por Freud (1917 [1915]) como manifestações da notável superação da pulsão que faz todo sujeito se apegar à vida. O enigma da inclinação ao suicídio encontraria no sadismo a sua resolução.

Na reflexão de Campos (2019) sobre “o desejo de estar morto”, no texto “Uma vida que não vale a pena ser vivida”, vemos que a melancolia demonstraria uma tendência autodestrutiva, proveniente da identificação narcísica e do sadismo, que provaram ser mais poderosos que o próprio Ego, mortificando-o. Campos acrescenta: “é importante destacar que as hipóteses freudianas a respeito do suicídio pautadas na melancolia têm como plano de fundo a predominância da pulsão de morte” (p. 232).

À luz do pensamento freudiano sobre a melancolia, podemos explicar o estado de ambivalência tão exacerbado no discurso da Outra Pessoa durante os atendimentos, evidente no explícito desejo à autodestruição, acompanhado pelo impulso de autoconservação que busca por ajuda. Para Freud (1923), a raiz do conflito de ambivalência se dá na dinâmica do dualismo pulsional, sendo um exemplo da defusão das duas espécies de pulsões. “O estado de ambivalência é um estado de sofrimento” (CVV, 2018, p. 16); quando este se torna insuportável ao sujeito, a rota de fuga considerada pode ser a própria morte afim de encontrar algum refúgio de paz onde o sofrimento não exista.

O desejo de fugir para um lugar melhor ou de encontrar paz, comumente relatado pela Outra Pessoa, também pode ser pensado através da ótica da melancolia. Primeiramente, entende-se que o sujeito estaria, na verdade, considerando uma morte idealizada, já que a morte não pode ser representada pelo psiquismo. É a fantasia de um mundo melhor, sustentada pelo desejo de aliviar a dor psíquica através da destruição do aparelho responsável por senti-la. Mezan (1999) comenta essa tendência regressiva observada no melancólico. Para o autor, o desejo de fuga do conflito de ambivalência seria uma tendência de regressão a uma etapa do desenvolvimento libidinal anterior a ambivalência (fase oral), um estado primordial de quietude idealizada. Tal tendência, segundo Mezan, se refere à ação da pulsão de morte defusionada que resultaria no suicídio, caso à regressão acontecesse por absoluto.

Assim como o sofrimento de cada ser humano tem suas singularidades, o desejo de morrer de cada pessoa que procura apoio emocional também tem características próprias, pois o sujeito e sua subjetividade estão imersos no seu contexto sociocultural e familiar. Não raro, o suicídio é também uma forma de ataque direto às pessoas do núcleo de convivência ou até à sociedade, como uma vingança por não terem sido garantidas as condições que o sujeito julga dignas para viver, como Freud (1917 [1915]) constata:

(...) os doentes habitualmente conseguem, através do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originais e torturar seus amores por intermédio da doença, depois que se entregaram a ela para não ter de lhes mostrar diretamente sua hostilidade. A pessoa que provocou o distúrbio afetivo do doente, e para a qual está orientada sua doença, normalmente se encontra no círculo imediato dele. (p. 184).

A busca por atenção, popularmente atribuída às pessoas que contemplam suicídio é, na verdade, bem mais significativa do que parece. O suicídio, além de um ato, é um recado e um sintoma; diz muito sobre as condições do entorno do sujeito e de como ele se relaciona com o mundo à sua volta. É mais uma vez nota-se a ambivalência no sujeito que, ao se punir, pune o outro.

Isso posto, entende-se a razão de o *Manual do Voluntário CVV* (2018) esclarecer que o voluntário “estará combatendo as causas mais profundas da atitude autodestrutiva” (p. 16) da Outra Pessoa, durante a experiência de relação de ajuda. Isso se explica não só em razão de o voluntário estar disponível para a escuta empática e acolhedora de fenômenos psíquicos ricos em pulsão de morte e pobres em pulsão de vida, conforme enunciados pelo sujeito, mas principalmente por facilitar a criação de caminhos para a transformação do pulsional através da capacidade narrativa da pessoa, que desabafa a sua dor ao contar a sua história.

### **3.3 A vida contornando a morte**

No livro *A pulsão de morte* (1988), Hanna Segal inicia seu texto intitulado “Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte” expondo um trecho do final do romance *Martin Eden*, de Jack London, no qual o personagem Martin se suicida afogando-se, para, nos instantes finais, emergir da água tentando involuntariamente

nadar. “Era o instinto automático de viver. Parou de nadar, mas no momento em que sentiu que a água cobria sua boca, moveu bruscamente as mãos para subir à superfície.” London deixa claro que Martin despreza essa sua parte, mesmo que deseje continuar vivendo. Ao se afogar, o personagem experimenta uma forte dor no peito: “O mal, o sofrimento, não era a morte (...). Era a vida – os tormentos da vida –, este horrível sentimento de sufoco. Era o último golpe que a vida podia lhe desferir” (LONDON, 1909 apud SEGAL, 1988, p. 29).

Esta cena ilustra brilhantemente o brutal conflito entre a vida e a morte, conflito cuja origem Freud teve que buscar compreender na biologia, superando a limitação de uma formulação que abrangia apenas a esfera psíquica. O pulsional ganha uma amplitude que atinge a “totalidade do reino da vida” (MEZAN, 1999). A vida se origina da primeira tensão que provoca o organismo a tentar retornar ao inorgânico através da descarga. Como visto no primeiro capítulo deste trabalho, Freud (1920) descreve a pulsão como uma tendência do próprio organismo a reconstituir um estado anterior, que foi perturbado pela incursão da vida. Portanto a meta da pulsão seria a de ir à morte.

Aqui caberia a questão: mas e a conservação da vida? Vimos que é a tarefa de Eros, que conserva a vida a se repetir, garantindo a renovação do ciclo vital. Na forma de “libido celular”, segue criando conjuntos mais complexos de células que antagonizam a força regressiva de Tânatos, a qual opera na direção de desintegrar estes conjuntos. Assim é refletido nas atividades fisiológicas de assimilação e desassimilação no organismo, nos fenômenos de atração e repulsão que resulta em conjuntos multicelulares mais complexos, abrangendo a dinâmica da atividade psíquica, e acaba por alcançar a organização da estrutura social, como Freud descreve em *O mal-estar na cultura* (1930):

No curso desta investigação, impôs-se-nos a ideia de que a cultura é um processo especial que se desenrola na humanidade, e nós continuamos sob o influxo dessa ideia. Acrescentamos que é um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade. Porque isso teria de ocorrer não sabemos; é simplesmente a obra de Eros. Essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente entre si; a necessidade apenas, as vantagens do trabalho em comum não as manterão juntas. Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos. (p. 90).

A obra de Eros é constantemente ameaçada pela tendência oposta, que ininterruptamente procura o retorno dissolvendo as conexões estabelecidas, rumo à quietude, ao silêncio da descarga total de qualquer tensão. Mas como colocado por Garcia-Roza (1990), é exatamente esta dissolução das conexões que possibilita o surgimento de novas formas ou novas uniões. Se considerarmos a ideia de que a pulsão de morte teria também o efeito de ruptura da saturação monótona da pulsão sexual, que progride agregando mais do mesmo, alcançamos um ponto de vista que possivelmente justificaria a existência do trabalho de apoio emocional e prevenção do suicídio.

Valendo-nos da percepção freudiana de que entre o indivíduo e o social não há diferença de natureza, mas de escala, progressivamente, a manifestação da pulsão de morte terá seu espaço de identificação na esfera cultural (MEZAN, 1999). Sabemos por Freud que negociamos com a pulsão de morte para desviá-la contra objetos externos como pulsão destrutiva, e que, no melhor dos mundos, a fusão das pulsões de vida e pulsões de morte se daria com o respaldo de Eros, com a destrutividade servindo a vida.

Tudo começou com uma demanda na sociedade; números inquietantes de suicídios que geraram desconforto em alguns grupos de pessoas, que, em resposta, promoveram ações sociais de ajuda emocional para acolher o sofrimento de outros na tentativa de amenizar estes números. Tanto os Samaritans na Inglaterra, quanto o Centro de Valorização da Vida no Brasil, e muitos outros mundos a fora, nasceram com o objetivo de suprir necessidades coletivas.

Se pensarmos na nossa sociedade atual, os trabalhos filantrópicos que vão na contramão do excesso de hostilidade, indiferença e violência causado pelo descontrole da pulsão destrutiva, surgem justamente em resposta a essa ruptura. O combate a ela se dá por meio de Eros promovendo outras conexões. O CVV aposta em Eros e se vale da vida pulsional do ser humano, do fundamento dualista das pulsões de vida e das pulsões de morte, que, pela atuação conjunta ou antagônica, são responsáveis pela rica multiplicidade dos fenômenos da vida.

Conchon, quando questionado no programa Compartilhe com o CVV<sup>22</sup> sobre o surgimento do Centro de Valorização da Vida, declara que, na sociedade, havia um clima favorável ao advento de trabalhos voluntários de apoio emocional. Ele diz:

A sociedade é um organismo vivo e tende a encontrar sempre uma condição harmônica entre as partes. Quando ocorre uma dissonância, como o número elevado de suicídios no estado de São Paulo, a própria sociedade se reorganiza, no sentido de autodepuração, como uma defesa para compensar essa dissonância. O clima era extremamente favorável para o surgimento do CVV ou de qualquer outra entidade que viesse prestar apoio, solidariedade e fraternidade a pessoas desesperadas. (CVV BAURU, 2017).

Assim como o personagem de London, Martin Eden, se depara com a arrebatadora vontade de viver no momento da morte, a qual se instala prontamente para contrapor sua oponente, buscando contorná-la, parece ser esse mesmo mecanismo que faz a Outra Pessoa procurar o atendimento do CVV. A ambivalência é o que garante este fenômeno através de Eros. E, de forma análoga, a sociedade também faz o mesmo, ao organizar o surgimento de grupos sociais que estejam engajados e dispostos a antagonizar o excesso de violência, hostilidade e indiferença. O serviço de apoio emocional conta com esse movimento dual pulsional, na esperança de que o sujeito e a sociedade se permitam originar mais vida para, então, contornar a morte.

---

<sup>22</sup> Entrevista com Jacques Conchon realizada dia 14 de outubro de 2017, no programa Compartilhe com o CVV (CVV BAURU, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal motivação para a realização desta pesquisa foi a analogia que se impôs a mim durante a leitura da introdução da hipótese de pulsão de morte, no texto *Além o princípio do prazer* (1920). A nova teoria das pulsões proposta por Freud em 1920 remeteu à minha experiência como voluntária de apoio emocional e prevenção do suicídio do Centro de Valorização da Vida (CVV), e me instigou a olhar para o serviço sob a ótica do dualismo pulsional, sobretudo da perspectiva da pulsão de morte, que sempre parecia, de alguma forma, se manifestar naquilo que o trabalho propunha contornar, o suicídio. Na curiosidade de saber aonde leva, como diria Freud (1920), assim também foi a proposta de percorrer a construção do conceito de pulsão de morte nesta pesquisa e a tentativa correlacionar os estudos de Freud com serviço social do CVV. Eis onde elas nos levaram:

Primeiramente, traçamos a trajetória da elaboração do conceito de pulsão de morte ao longo da obra freudiana, começando com o esboço do conceito de pulsão lá no *Projeto para uma psicologia científica* (1895 [1950]) até a menção em 1920. A intenção era compreender o que conduziu Freud a propor o conceito mais controverso da sua obra e investigar quais foram os elementos que contribuíram para essa construção. Muito da lógica do pensamento freudiano sobre o funcionamento psíquico e do que se entende por princípio do prazer e pulsão já havia sido esboçado antes da psicanálise ser chamada como tal no *Projeto...* (1895 [1950]); mas é através do estudo sobre a sexualidade que Freud elabora a noção de pulsão para, em seguida, propor a primeira teoria pulsional ao dividi-las em dois grupos de diferentes princípios de funcionamentos: sexual e de autoconservação.

Algumas descobertas e inquietações impulsionam Freud a reconsiderar sua primeira teoria, como vimos em detalhes. Destaca-se o estudo sobre o narcisismo, duplamente significativo para essa pesquisa. Primeiro, por questionar a dualidade pulsional da primeira teoria das pulsões, com a descoberta da libido narcísica e o entendimento que o Ego pode ser tomado como objeto sexual, atenuando a linha divisória entre as pulsões sexuais e de autoconservação e promovendo um clima propício para Freud pensar em como defenderia sua convicção de pulsões opostas como base do conflito psíquico. E segundo, o narcisismo também foi indispensável para os estudos freudianos sobre a melancolia, que nos serviram de apoio para melhor conhecimento do estado mental do sujeito que contempla suicídio.

A compulsão à repetição observada na clínica foi o pontapé para Freud questionar a primazia do princípio do prazer, que culminou na constatação do caráter conservador das pulsões e do esforço de todo ser vivo de retornar ao inorgânico. A nova hipótese provocou a reformulação da teoria das pulsões, agregando as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação num único grupo, denominado pulsões de vida, fazendo nascer o antagonismo das pulsões de vida e de morte. A vida seria o resultado das ações das pulsões de vida que se inclinam à preservação, antagonizando a ação das pulsões de morte, que agem no sentido contrário, o de extinguir toda atividade.

A reviravolta na teoria freudiana é tratada com certo carinho nesta pesquisa porque é a partir da revisão de relevantes fenômenos psíquicos como o sadismo, masoquismo, a agressividade e a ambivalência, que a pulsão de morte ganha um papel mais abrangente na dinâmica do funcionamento psíquico e, conseqüentemente, na teoria psicanalítica. No segundo capítulo, é citado que essa reviravolta havia sido anunciada pelos estudos de Spielrein, que anos antes já supunha uma destrutividade interna à pulsão sexual (não oposta). Vimos também a resistência de Freud à suposição de Adler sobre a existência de uma pulsão agressiva independente da sexual, com a qual se fundia no sadismo. Evidentemente, o pensamento freudiano sofreu influências destes estudos para chegar aonde chegou, e não há nada mais justo que contemplá-las.

A ideia de fusão e des fusão pulsional se revelou determinante não só para o entendimento das dinâmicas das pulsões, mas também para a compreensão da estruturação e organização psíquica. Apontamos em *O problema econômico do masoquismo* (1924) talvez uma das reviravoltas teóricas mais significativas. Devido à introdução do conceito de fusão pulsional, Freud vê o masoquismo erógeno como consequência da atuação concomitante de Eros e da pulsão destrutiva. A libido é responsável por desviar parte da pulsão destrutiva para a musculatura e para objetos externos a fim de neutralizá-la; outra parte da destrutividade fica a serviço da função sexual, como visto no sadismo. As partes da pulsão destrutiva remanescentes no organismo, atuarão de forma autodestrutiva.

Entendemos que a origem da consciência de culpa, produto final da resolução do complexo de Édipo e inauguradora da cultura, é decorrência da des fusão pulsional no processo de introjeção, no Ego, dos primeiros objetos de amor do Id. O Superego se apoia na pulsão destrutiva des fusionada ao ser constituído, e assim fortalece sua

severidade contra o Ego. Quando Freud aponta em *O mal-estar na civilização* (1930) a destrutividade como uma manifestação instintual inerente ao ser humano, ou seja, algo com o que teremos que lidar, e que não conseguiremos erradicar, ela ganha a posição de grande inimigo da civilização, já que o processo civilizatório implica renúncia pulsional. A repressão da libido gera sintoma, e a repressão da destrutividade se torna fonte de culpa. Percebe-se, por fim, que o conflito de ambivalência tem origem pulsional e que os fenômenos vitais se dão pela ação conjunta ou antagônica de Eros e da pulsão de morte.

Diante de todo esse levantamento teórico, não há dúvidas de que o trabalho de apoio emocional e de prevenção do suicídio do CVV se vale da vida pulsional do ser humano, e se apoia na contraposição das duas espécies de pulsões para realizar sua tarefa. A valorização da vida apresentada no terceiro capítulo é um trabalho a favor de Eros. A escuta empática do voluntário, o ambiente acolhedor, o respeito incondicional à subjetividade humana e todos os outros valores que proporcionam o estabelecimento da relação de ajuda no CVV facilitam o sujeito a criar oportunidades de investimentos de Eros diante do efeito desfusionado da pulsão de morte. A destrutividade está presente nas manifestações de fenômenos melancólicos comuns nos discursos da Outra Pessoa em busca de ajuda.

Ao tratarmos sobre a pessoa que procura o CVV no terceiro capítulo, nos foi útil o estudo freudiano sobre a melancolia, no texto *Luto e Melancolia* (1917 [1915]), para aprofundarmos o conhecimento sobre o estado mental do sujeito que busca por apoio emocional. É notório que os sintomas enunciados como o rebaixamento da autoestima, o desinteresse na vida, a autopunição excessiva que muitas vezes deseja aniquilamento de si, a incapacidade de investir no mundo, o desejo de fugir para um lugar melhor são efeitos do excesso de pulsão de morte. Esta reflexão nos revelou algo importante sobre o serviço: cabe ao voluntário do CVV lidar com a força da autodestrutividade do sujeito, através da aposta em Eros, e facilitar que a Outra Pessoa se desvencilhe daquilo que a está impedindo de investir na vida. Não soa incoerente dizer que é um trabalho de mediação da pulsão de morte.

Os estudos freudianos sobre a pulsão de morte e as teorias pulsionais também nos possibilitam ampliar o que entendemos sobre o papel do trabalho de apoio emocional para o indivíduo e para a sociedade. Se a evolução cultural, o desenvolvimento social, o conhecimento e a psicanálise não conseguem erradicar a

destrutividade que nos habita, o que nos resta é lidar com ela, já que a civilização depende disso.

A maior representante e derivada da pulsão de morte, a pulsão destrutiva exige um enorme trabalho da sociedade, que deve se ver com ela, ainda que constantemente falhemos em contê-la. A deflexão da nossa autodestrutividade dirige descargas destrutivas a objetos externos e demanda a sujeição do outro por meio da violência, o aniquilamento através do ódio, a exclusão em nome do individualismo, criando um mundo hostil que parece progressivamente nos afetar como sujeitos e ameaçar o social. O aumento expressivo do número de tentativas e de mortes por suicídio são manifestações sintomáticas de uma civilização desafiada pelas forças excessivas das pulsões destrutivas. O trabalho de valorização da vida como atuante preventivo ao suicídio, propõe amenizar o sofrimento da Outra Pessoa, através da solidariedade à vulnerável condição humana e do respeito incondicional à dor psíquica que grita para ser ouvida.

No fim, o CVV aposta em Eros em cada atendimento e a cada voluntário que abraça a Postura de Vida. O voluntário trabalha a favor de Eros quando acolhe a Outra Pessoa dentro e fora dos atendimentos. Lidar com a manifestação da pulsão destrutiva desfusionada no sujeito, afim de criar possíveis meios de investimentos na vida, é contribuir para a mediação da ação de Tânatos. Na esfera social, a aposta em Eros na forma de apoio emocional é produto da exigência de trabalho anímico requerido da humanidade para se ver com o seu mal-estar; surge para combater aquilo que ameaça o social e se oferece como mais uma alternativa de contorno da destrutividade que coloca em xeque o processo civilizatório.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, D. O que há além do princípio do prazer?. Revista Brasileira de Psicanálise – Volume 54, n.1, 2020, pp. 61-68.

BISSOLI, S. da S. P. A noção de constância no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895 [1950]) e em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920). Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Publicação Científica da Faculdade de Ciências da Saúde de Garsa/FASU. Ano. III, semestral, No. 5 de novembro, 2005.

BIRMAN, J. *Arquivo da agressividade em psicanálise*. São Paulo, Natureza Humana [online]. Vol. 8, n.2, 2006.

CAMPOS, M. R. B de. Uma vida que não vale a pena ser vivida. Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 53, n. 4, 2019, pp. 225-238.

CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira em psicanálise*. Obras Completas. Vol. 1. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

CONCHON, J. (1989). *A filosofia do CVV in CVV – Uma proposta de vida*. (2ª ed.) São Paulo: CVV, 2007.

CONCHON, J., FOCÁSSIO, F., LORENZETTI, V. (1989). *CVV – Uma proposta de vida*. (2ª ed.) São Paulo: CVV, 2007.

CVV. *Apostila ACP aplicada ao PSV*. São Paulo: CNPSV-CVV, 2019.

\_\_\_\_\_. *Manual do Voluntário*. São Paulo: CVV, 2018.

CVV BAURU. Compartilhe com o CVV – Entrevista com Jacques Conchon. Youtube, 14/10/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jdAVyC9Ea8c> acessado em 23/04/2021.

FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, S. (1910) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1920) *Além do princípio do prazer* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1909) *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895) *Carta 28* in *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_. (1940) *Compêndio de psicanálise* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 19, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. (1911a) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914) *Introdução ao Narcisismo* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol.12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1917 [1915]) *Luto e Melancolia* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol.12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1939) *Moisés e o monoteísmo* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 19, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. (1911b) *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber", 1911)* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1923) *O Eu e o Id* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1927) *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick in Coleção L&PM POCKET. Vol. 849, Porto Alegre: L&PM, 2019.

\_\_\_\_\_. (1919) *O Infamiliar [Das Unheimliche]*. Trad. Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares in Obras Completas de Sigmund Freud, 8. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

\_\_\_\_\_. (1930) *O mal-estar na civilização* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1924) *O problema econômico do masoquismo* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol.16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1915a) *Os instintos e seus destinos* in Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1915b) *Os instintos e suas vicissitudes* in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895 [1950]) *Projeto para uma psicologia científica* in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* in Sigmund Freud Obras Completas, Vol. 6, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

GARCIA-ROZA, L. A. (1984). *Freud e o inconsciente*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. (1990). *O mal radical em Freud*. (ed. Digital) Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

HANDLEBAUER, B. (1998). *A controvérsia de Freud-Adler*. Trad. Flávio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.

JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LORENZETTI, V. (1989) *Origens e Evolução do CVV in CVV – Uma proposta de vida* (2ª ed.). São Paulo: CVV, 2007.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Inconsciente segundo Karl Abraham*. *Psicologia, USP*, Vol.10, n. 1, 1999, pp. 55-95.

SEGAL, H. Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In GREEN, A., IKONEN, P., LAPLANCHE, J., RECHARDT, E., SEGAL, H., WIDLÖCHER, D., YORKE, C. *A Pulsão de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

SPIELREIN, S. (1912). A destruição como origem do devir. In CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Trad. Renata Dias Mundt. São Paulo: Livros da matriz, 2014.